

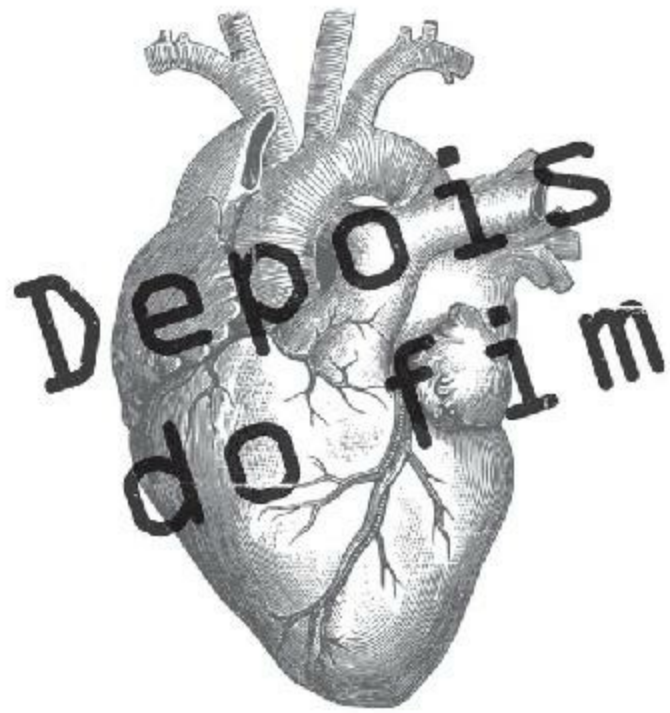
Daniel Bovolento

Autor de *Por onde andam as pessoas interessantes?*



Planeta







Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

Daniel Bovolento

Depois do fim



Copyright © Daniel Bovolento, 2016
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016
Todos os direitos reservados.

Preparação de texto: Elisa Martins
Revisão: Maria Aiko Nishijima, Ler & Escrever - Produções Editoriais
Capa: Victor Gentil
Imagem de capa: Domínio público
Diagramação: 2 estúdio gráfico
Adaptação para eBook: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B781d

Bovolento, Daniel

Depois do fim / Daniel Bovolento. - 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2016.

ISBN 978-85-422-0788-0

1. Relação homem-mulher. 2. Amor. I. Título.

16-33940**CDD: 306.7**
.....**CDU: 392.6**

2016
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 - 21º andar
Edifício Horsa II - Cerqueira César
01411-000 - São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

A todo mundo que já perdeu um amor.
Este livro fala sobre nós e, inevitavelmente,
sobre eles também.

Sumário

Introdução

1. Até quando eu vou amar você?
2. Quando você se cansa das coisas como estão
3. Eu tô desistindo de você
4. Vai fazer falta
5. Quando ele disse não
6. Você tem que ir embora
7. Uma fatia de bolo
8. Ponto de partida
9. Você nunca vai ficar sozinha
10. Eu, que não te amo mais
11. Você não era a pessoa da vida dele
12. Acabou
13. No dia seguinte
14. Desrotina
15. Você não me devolveu
16. O tempo do luto
17. Dúvida é só o que eu tenho em relação a você
18. Beijo de esquimó
19. Tempo demais
20. Com ele
21. Sobre o medo de sofrer de novo
22. Querido ex-amor
23. Minha primeira vez
24. Ponte aérea
25. Esperança é a tortura que mais dói
26. Conselhos para quem quer ser o solteiro perfeito
27. Pode pular o café da manhã
28. Três da manhã
29. Às vezes, ir embora é a melhor decisão
30. Pro caso de você voltar
31. Pelo medo de ser esquecida
32. Gente que mexe com a gente
33. Obrigado por ter feito parte de mim
34. Cometi o pecado de ficar bem
35. Coração aberto
36. Alguns amores são mais fortes que outros
37. Flashback
38. (Des)classificados
39. Nenhum deles é você
40. Sanguessugas
41. Deixe-me
42. As coisas que eu não te disse

43. Duas coisas que não voltam atrás: destinos e arrependimentos

44. Aceito mais vinho, é claro

45. Tem muita gente desistindo de amar

46. Carta a quem já foi muito importante pra mim

47. Pro cara que vai chegar em breve

48. Deixa ela entrar

49. Quando um novo amor chega

50. Depois do fim

Agradecimentos

**“And you, I did it all for you
And I’ll love you if I don’t have to.”**
(If I Don’t Have To – Keaton Henson)

Você sempre acha que essas coisas nunca vão acontecer com você.

Primeiro, a sorte de ter encontrado alguém na multidão, um rosto que conte alguma história parecida com a tua. Alguém que te apresente ao mundo de novo, como um segundo nascimento. Você sabe que vai ser diferente. Talvez seja agora, porque você nunca sentiu as coisas desse jeito. Talvez seja agora, porque já sentiu outras vezes e sabe que é exatamente assim que começa. Eis que um estranho se torna conhecido.

Depois, você vê que as cenas copiadas de filmes nunca vão acontecer contigo. Elas não se repetem. São extraídas da realidade cinematográfica, traduzidas, adaptadas e implantadas na sua vida. Naquele macarrão ao molho branco de última hora. No café da padaria com os cabelos ainda molhados. Nos guarda-chuvas fechados com pressa para não respingar nos pedestres. Nas risadas calorosas dentro do cinema ou durante jantares de família no interior. Nos pedidos de desculpas. Nos rótulos de vinho decorados. Em qualquer outro clichê pra ser vivido a dois que você queira rabiscar aqui.

No fim, você também acha que nunca vai acontecer com você. Você se sente imune, ou então nem sente, mas de alguma forma se acostumou tanto a tê-lo ali que nem imagina como seria não tê-lo mais. Eis que, num dia qualquer, numa quarta ou quinta-feira, ele não está mais lá.

Ele resolveu ir embora.

Ou você se foi.

Ele foi tirado de você.

Ou atirou-se em alguém.

Ele não está mais em casa.

Ou não está mais em lugar nenhum?

Bobagem. Você sabe que está.

Quando você achava que nunca aconteceria nada disso com você, quando o fim era uma perspectiva tão imprevisível quanto o início, você acaba tendo uma única certeza: ele ainda está dentro de você. E seu maior problema agora, mais do qualquer outro, é descobrir como tirá-lo daí.

ATÉ QUANDO EU VOU AMAR VOCÊ?

**“How long will I love you?
As long as stars are above you
And longer, if I can.”**

(How Long Will I Love You – Ellie Goulding)

Cê acha que isso aqui vai demorar muito? Não o filme, mas a gente. Isso aqui que a gente tem e que um dia passa.

Acho que sim, acho que não. Não sei. Tempo é relativo. Pra você pode ter sido um ano, pra mim pode ser uma vida. A gente nunca sabe quanto tempo o outro vai morar na gente depois da despedida.

E você vai querer se despedir de mim ou espera que eu vá embora sem bater a porta? Me diz agora que tá tudo bem que eu anoto pra não te magoar mais.

Cê acha que vai me magoar muito? Não imagino nada que você possa fazer pra me machucar. Só se colar chiclete no meu cabelo e ele não sair nunca mais, me obrigando a raspar a cabeça, mas daí eu te dou um murro e fico sem falar com você. Vai me fazer te achar imbecil, mas não vou te odiar por isso. Acho bem difícil conseguir odiar você.

Hoje?

Não, em qualquer situação.

Por quê?

É só olhar pra essa sua carinha de quem tá perdido no mundo que a gente te abraça.

Me abraça?

Abraço. Sempre abracei. Até quando a gente não se conhecia eu já te abraçava na chuva.

Como?

Você não sentia que uma hora a coisa toda ia passar mesmo que tivesse esquecido o guarda-chuva em casa? Sentia uma certeza absoluta de que ia ficar tudo bem, não importa quão molhado chegasse ao destino? Eu era essa certeza, na verdade, eu era o abraço. Você só não sabia ainda, mas eu sempre te dei abrigo, te dou até hoje. Não sei fazer outra coisa senão te dar abrigo.

E quando isso acabar?

Eu vou continuar te abraçando na chuva. Não vejo outra maneira, não tem como mudar isso.

Não sei. Acho que não vou me acostumar com a gente sendo de outro jeito mais pra frente e isso vai me incomodar. Vai me incomodar porque o tempo desgasta e a gente se devora um pouco a cada dia. Uma hora você não vai querer atender o telefone, uma hora eu vou me

esquecer do seu nome de propósito. Será que a gente vai transformar o amor que a gente tinha em falta?

É possível. E daí eu vou viajar.

Pra onde?

Pra Ásia. Pra ler *Comer, rezar, amar* num trem da Tailândia. Pra ter a minha própria inspiração pessoal, uma grande revelação de vida enquanto tento te esquecer.

E se você não precisar?

Viajar? Claro que vou precisar. Se não precisar, invento que preciso.

Não, me esquecer. E se você não precisar me esquecer?

Daí é sinal de que eu me enganei. E que aquele abraço na chuva não era meu, não era seu. Se a gente não precisa esquecer um amor quando acaba significa que ele já tinha sido esquecido faz tempo. E qual é o sentido de se amar sem memória?

Se apaixonar pela mesma pessoa todos os dias.

Não, isso só acontece em filmes. Sem memória a gente não constrói nada. Seja boa ou ruim, se eu não tiver lembrança nenhuma de você, significa que você nunca existiu pra mim.

Clementine?

Pior, porque ela escolheu. Eu não teria escolhido, você não teria marcado. Prefiro tentar te esquecer pelo mundo do que ter te esquecido aqui enquanto te olho.

Prefiro te esquecer na Bahia. Calor e acarajé. Pimenta pra queimar a língua e axé pra me animar da perda.

Só vai ser perda se eu te deixar. E daí não vou ter por que viajar e me encontrar de novo. Me deixa?

Te deixo. Mas não te deixo ir embora.

Me encontra no aeroporto e me pede pra ficar.

Você fica?

Não fico. Eu vou ter de ir, mas pelo menos não vou te esquecer tão cedo. A cena vai ser bonita.

Quando então?

Nunca. A gente pode até guardar o fim, mas não dá pra esquecer o amor que a gente teve.

Me guarda com você?

Guardo. Na Ásia, durante a viagem de trem na Tailândia, dentro do meu livro. Me guarda também?

Te guardo na Bahia, já disse. Te guardo em mim.

Cê acha que isso aqui vai terminar logo?

Espero que não. Espero que nunca termine.

O filme?

Não, a gente.

QUANDO VOCÊ SE CANSA DAS COISAS COMO ESTÃO

**“I’m so sick of that same old love
My body’s had enough.”**

(Same Old Love – Selena Gomez)

O jeito como ele te olha entrega as coisas: não são mais as mesmas. Cê percebe isso na presença equivocada, no modo como ele rasteja pela casa, nas saídas esgueiradas do sofá quando você senta. As conversas não duram mais de cinco minutos sem hiatos profundos que causam arrepios como se a ponta de espinhos entrasse nas tuas costas. TV chiando, olhos oblíquos vidrados no chão, encarar doeria mais. Vocês fingem que nada aconteceu.

Como é conviver com um fantasma do que já foi? Me diz. Porque é exatamente isso o que você anda fazendo, convivendo dentro de casa com algo que já morreu. Nesse caso, ninguém pode te ajudar. Ninguém vai sentir o cheiro do cadáver em decomposição e chamar a polícia, ninguém vai arrombar a porta da frente aos prantos com bombeiros e sirenes, nenhum noticiário vai exibir a tragédia pessoal de vocês. Se era isso o que você esperava, sinto decepcionar, não vai acontecer.

Sei que é mais cômodo ir empurrando com a barriga e esperar que um milagre aconteça com vocês antes que adentrem o corredor da morte. Você reza, ele chora. Nenhum dos dois põe a boca no trombone e berra, que é exatamente o que vocês deveriam fazer. Será que ninguém aí dentro percebe que o silêncio só vai ajudar a afundar mais rápido na lama? Vocês deveriam chacoalhar o outro, berrar até que ambos abram os olhos, pegar antigos porta-retratos e responder olho no olho o que vocês ainda fazem aí. Se não existe ninguém em casa, não há motivos pra guardar fantasmas. Se não existe mais motivo, não tem por que fingir que os sobrenomes ainda combinam no papel.

Quando você finalmente cansa das coisas como estão só existem dois caminhos. Um deles é pegar tuas coisas e atirar tudo pela janela, se jogar junto, encarar o baque surdo no chão e recomeçar do zero. O outro caminho requer paciência e tanta bravura quanto o primeiro. Você vai ter de pegar nas mãos do outro, acariciar os fatos, chamar os demônios pra tomar um café. Lavar roupa suja, comer pizza dormida e ver se a cama volta a dar aconchego. Geralmente, a gente tem essas duas opções. O problema é quando nós quebramos esse ciclo e nos mantemos parados, com os olhos vidrados na televisão, numa espera eterna de que os bombeiros cheguem antes do corredor da morte do amor.

EU TÔ DESISTINDO DE VOCÊ

**“Say something, I’m giving up on you
I’m sorry that I couldn’t get to you.”**

(Say Something – A Great Big World feat. Christina Aguilera)

Você tá aí, quieta demais, e vem me olhar com essa cara de quem não imaginava, de quem nunca imaginou, que um dia eu iria embora. Tá aí me encarando descrente como sempre fez. Lançando um olhar de reprovação doloroso que duvida de mim. Duvida de mim e duvida de tudo o que eu já fiz, já passei, já corri e já deixei por você. Desta vez eu bato a porta e apago a luz, desta vez eu selo a carta e endereço pro lugar certo, desta vez não tem mais “outra” na frente pra lembrar das segundas chances.

Tô me livrando de você, te desalojando. Te colocando numa caixinha de música velha que vai parar de tocar no exato momento em que eu tirar os olhos de você. Tô te pintando no rosto, meu bem, como listras de guerra. Tô quebrando pratos, deixando a pia mais limpa pra não sujar as tuas mãos. Tô te pintando com laço e de vestido, pra não me esquecer de como você se vestia pro espelho, enquanto defenestrava o amor do sétimo andar.

Tô te implorando lentamente pra dizer alguma coisa que me pare enquanto eu declaro que tô desistindo de você. Tô levando na mala só o que é meu, e deixo o que era nosso pra você fazer fogueira do passado. Queime os retratos, as correntes, o desprezo e me jogue junto. Talvez assim eu sinta, pelo menos uma vez, alguma coisa que não seja frieza. Tô levando tudo num gerúndio lento, que se arrasta pela casa com justificativas, e a única coisa que você faz é ficar aí me encarando. Paralisada, estagnada, calada. Depois de toda a dor, você escolheu ficar marcada em mim, feito tatuagem. E nada mais.

Tô desistindo da lembrança de que, talvez você nem lembre, um dia desses a gente se bastava. Do apelo comovido dos presentes de aniversário, dos alarmes silenciados pra me atrasar agarrado em você. Tô desistindo de quem eu amo, cuido, consolo e me fez ver tudo virar passado numa apropriação indevida de nós. Tô desistindo quando não queria mais desistir.

Então usa esse infinitivo pra parar esse gerúndio doído. Me para e grita pra mim que ainda tem lugar pra nós dois aqui antes que eu desista. Diz alguma coisa enquanto eu me despedaço e me ponho nas caixas. Diz pra parar o sal descendo na minha boca, diz pra ser clara de vez e me consentir um abrigo renovado. Diz pra mim que muda, por favor, e que muda a minha vida junto. Diz que se lembra de mim e que teus olhos vidrados não são esquecimento. Diz que não me jogou no seu limbo pessoal. Diz e me impede, de uma vez, de desistir de você.

Você não me diz nada e eu tô indo embora.

VAI FAZER FALTA

**“Picture you kissing me as we’re
falling asleep
Oh this feeling is marrow deep.”**

(Missing You – Betty Who)

Quando as coisas não estão bem, você começa a fazer um inventário mental do que vai perder caso ela vá embora. Você enumera pequenas e grandes coisas com ordem de importância confusa, num emaranhado de figuras mentais e grandes momentos que irão fazer falta.

Você se lembra do barulho de goteira do apartamento dela e daquela colega de quarto que troca ideia contigo enquanto ela está no banho. Você se lembra do pistache com amora que ela sempre pede e sabe que não vai ter mais como roubar um pouco da sobremesa dos outros sem ter de pedir uma pra você. Você se lembra das toalhas que ela te deu de presente com o cheiro dela, perfume que não vai durar depois que você lavar tudo. Vai fazer falta.

É algo mecânico: você inspeciona da cabeça aos pés as coisas que eram suas e não serão mais. Pergunta se as coisas vão mudar demais. Projeta a vida sem ela. Você não vai morrer, nada disso, mas sabe que algumas coisas normais e cotidianas vão deixar de existir. Sente um medo antecipado, começa a abraçá-la do nada no meio da noite. Mente que é pesadelo, mas não é. Antes fosse.

Quando as coisas não estão bem, mesmo que nada indique um fim, você aproveita os dias como se fossem os últimos. Talvez seja uma tentativa inconsciente de se salvar, mostrar para ela como era o mundo antes da destruição, pintar o céu de azul de novo. Talvez ela mude de decisão e as coisas não precisem ser do jeito que estão sendo. Você sorri com essa possibilidade, não sorri?

Você se lembra do exato momento em que soube que era ela. Lembra também daquela amiga chata que dizia pra ela não dar bola pra você. Dos primos pequenos e de como você sempre sonhou em ser pai. Do Natal e dos outros dias com ela. Você se lembra da primeira vez em que ela disse que te amava e suspira em qualquer lugar da rua. Vai fazer falta.

É algo comum: a gente só deixa a ficha cair quando percebe que está perdendo alguém. Quando as coisas desmoronam, você nota os quadros na parede. Quando ela não vem dormir em casa, você nota o tamanho da cama. Quando a ligação cai na caixa postal, você ouve o silêncio. Quando você está prestes a pular do precipício, você olha pra trás.

Mania chata essa que a gente tem de perceber tarde demais, não é?

QUANDO ELE DISSE NÃO

**“It’s time to be a big girl now
And big girls don’t cry.”**

(Big Girls Don’t Cry – Fergie)

Ele passou no *drive-thru* e me perguntou se eu queria batatas médias ou grandes. Eu disse que queria ir pra casa. Saí de lá com o estômago vazio e uma vontade enorme de chorar.

Passamos da quinta avenida e ele me disse, sem olhar nos olhos, com a cabeça virada pro painel do carro, que não dava mais. Já percebeu que eles nunca olham quando não dá mais? Parece que a gente fica insuportável, parece que a nossa presença ou fisionomia ou o simples fato de a gente existir naquele mesmo espaço se torna um peso. Se ontem ele me olhava, passava as mãos nas minhas coxas e me puxava pra perto, hoje eu sou evitada. É que o abandono dói menos quando a casa já tá vazia, então a gente entra com a luz apagada e finge que não vê os móveis, os cômodos e os porta-retratos. Ele fez o mesmo.

Cruzou uma avenida, acho que ele queria prolongar o passeio desconfortável. Eu perguntei se tinha acontecido alguma coisa, ele disse que não, mas sempre acontece, alguma coisa acontece mesmo que seja só a ficha caindo. Acontece que ele já não era ele, já não era meu, já não era o cara que me agarrava pelas coxas nem o cara que queria dormir comigo. Ele era um cara frio, parado feito estátua, com os braços tensos no volante, balbuciando uma narrativa desconexa de como não dava mais.

A gente já tava quase chegando quando perguntei se ele queria passar lá em casa pra pegar as coisas. Ele perguntou se tinha problema, porque eu tava calma demais. Repito: o desespero nem sempre é caricato, mas dessa vez eu tava com o peito meio vazio, meio sem saber ainda o que aquilo tudo queria dizer. Significava que eu não o encontraria no meio da madrugada e que teria de arrumar alguém pra ligar se batesse insônia. Significava que eu não teria de almoçar na casa da mãe dele no Morumbi nem ter de aturar o padrasto insuportável que ele tinha. Significava que um monte de coisas não existiria mais. Eu disse que tava bem, obrigada, que ele podia passar noutro dia pra não prolongar a frieza. Desci no 304.

Entrei no elevador e apertei botão nenhum. Ele já devia ter virado a esquina, tava a oitenta por hora quando chegou. Pedi um táxi e fui dar uma volta, refiz o mesmo caminho que ele tinha feito, dessa vez tentando me lembrar de tudo e digerindo as palavras. Podia ter deixado pro dia seguinte, mas não queria que a minha cama fosse o palco dele, queria público, queria resolver tudo ali na hora pra não levar mais nada dele pra casa.

Repassei tudo até a quinta volta. Na mesma velocidade, o carro e eu. O taxista me perguntou se poderia entrar no *drive-thru* e eu disse que tava tudo bem, sem problemas. Ele me perguntou se eu aceitava alguma coisa, se queria batatas médias ou grandes. Eu disse que queria ir pra casa.

Saí de lá com o coração vazio e uma vontade enorme de chorar.

VOCÊ TEM QUE IR EMBORA

**“Já conheço o seu tempero
Seu segredo e seu suor
Mas não consigo perder mais tempo.”**
(*Caso Você Queira Saber* – Cássia Eller)

Já me cansei dessa coisa de contar aos quatro ventos sobre como a nossa história é baseada em caixas de papelão e pedidos de desculpas, maçanetas giradas e despedidas numa acústica ruim da sala de estar, de gritos exasperados e de amigos tentando consolar um ou outro. Você e eu sabemos que isso aqui nunca pertenceu a você – e a falta era só uma das coisas que me prendiam como âncora ao seu naufrágio. Você tem dessa inconstância perigosa que me arrasta pro fundo e que é tão nociva quanto qualquer veneno de cobra. Só que você não tem antídoto.

A falta foi desculpa encomendada pra me fazer acreditar que sem você seria pior. Não seria. A gente tem disso de encomendar umas desculpas esfarrapadas pra disfarçar o apego vazio. Depois que você for, eu não vou morrer pela falta de você. Não vou desacertar a vida como se o parâmetro do que é bom estivesse ligado ao seu suor no meu lençol.

Eu já conheço o seu gosto e o meu paladar já recusa o sabor amargo de você. É que a nossa receita passou do ponto há muito tempo – mas eu cismei em cortar as bordas queimadas e fingir que o recheio não tinha sofrido com a turbulência do fogo. O seu tempero me deixa insosso. Não foi engano meu. Fui eu mesmo quem quis me enganar, adiando a verdade de que você não cabe em mim. Não foi feita pra mim.

O meu pranto cismou de imediato que você era mais ou menos o que eu queria. E a gente se força a achar que o outro pode ser consertado, mesmo sendo evidentes as rachaduras, suas infiltrações e alguns parafusos meio frouxos que ficam bem na cara. A gente acha que amor é como a caixa de lápis de cor no maternal, e que o tempo vai dar a chance de a gente colorir tudo da forma que achar melhor.

Mas você é filme em preto e branco.

E aquela angústia no peito, que eu levava achando que não ia dar mais pra seguir sem encontrar alguém que me bastasse – como você me bastava sempre que ia embora –, se foi. É que o fantasma de você me lembrava só o lado bom, o lado intocável que povoava a minha memória disforme. Como se eu pudesse resumir o que a gente foi em cinco momentos seletos onde você não me feria. Quando você voltava – a sua parte real, a porção que corresponde ao

que você realmente representa —, era tudo ruína. Era fim a cada dia novo que eu me forçava a achar que eu precisava de você aqui por algum motivo tolo que nem eu mesmo conhecia.

Até que enxerguei a rotina. A perda de tempo sentimental. A carga que eu levava sozinho nas costas e que não tinha nada a ver com os problemas que um casal enfrenta a dois. O meu problema é que você não tem espaço aqui. Não tem lugar nem vaga reservada depois de tantas idas e vindas. Já sei bater os olhos e enxergar cada minúscula parte das suas manias que me ferem, e você faz de propósito. Você se transfigurou em agouro agudo, malicioso e completamente nocivo. E de sabotadores já basta eu. Sabotei a desordem e organizei em você algumas coisas erradas desde o início.

Você não é ela. É a “ela” que eu pensei que fosse ser. Mas não é.

Eu tentei me prender tanto a alguém com projeções construídas, e nem dói mais dizer isso tudo. Porque agora só resta a constatação. Porque agora eu já me entendi e vou muito bem, obrigado. A minha necessidade é só que você vire mais um capítulo enrolado de um livro que pertence a mim — e só a mim mesmo.

É. Você tem de ir embora.

UMA FATIA DE BOLO

**“Não, eu nunca quis te machucar
Prometo pra você deixar de cena
Acho que eu só quero ser amada.”**

(Cena – Mallu Magalhães)

“Ela terminou comigo por uma fatia de bolo, cara. Uma mísera fatia de bolo.”

Foi assim que a conversa começou. Um amigo reportava o término recente com a namorada de anos e explicou que a guria tinha achado o cúmulo do absurdo o fato de ele não querer dividir uma fatia de bolo no restaurante. Categórica, ela olhou para ele e disparou: “Você é sempre assim. Um egoísta. Já deu. Cansei. Quero terminar”. Diz ele que nem terminou a sobremesa e achou inexplicável o motivo dado por ela.

O que ele não entendeu é que não foi a fatia de bolo. O que ele não entendeu é que não havia um único motivo pelo qual ela escolhia dar fim ao namoro. O que ele não entendeu é que as coisas não são pontuais como parecem ser.

As coisas nunca acabam pontualmente. Não existe um determinado dia em que você olha pro calendário, confere as horas no relógio, vira pra alguém e diz: eu não te amo mais. As coisas se arrastam por momentos em que a gente vai identificando o desgaste.

Ela pode ter começado a perceber tarde demais, numa noite de domingo em que ele não mandou mensagem nenhuma e ela não sentiu falta.

Numa outra tarde de outono, ela foi olhar para uma foto deles dois e não se lembrou de onde foi tirada. Não se lembrou de que sujou o nariz de chantili e ele lambeu. Não achou mais fofa a maneira como ele pulou na cama dela num sábado de manhã em que ela acordou com dor de cabeça.

O que incomodava nele começou a saltar aos olhos num dia qualquer. Todas as palavras, os sotaques, os amigos insuportáveis, as coisas que a mãe dele diz, as coisas que o pai dela diz, as viagens canceladas, a falta de dinheiro para viajar, as horas que ele não quis passar com ela, as horas que ela quis passar com ele, a mania de roer unha, o fato de ele sempre pedir por dois justamente num dia em que ela queria comer algo diferente, a falta de tato social, a toalha molhada em cima da cama, o fato de ele não ligar pras opiniões dela, o sexo mecânico, o dia em que ele acordou atrasado e não ligou pra avisar que chegaria atrasado, a dor de cabeça quando ela não queria escutar a voz dele etc.

As coisas são arrastadas e acontecem gradualmente. Primeiro a gente começa a pesar os

fatos, ver que tem coisa errada, ninguém joga a toalha de primeira. Depois vem o desgaste emocional, você se chateia mais, fica mais emburrado, as discussões acabam em grosserias porque vocês não fazem mais questão de ceder para que acabe bem. Seus amigos sabem das partes ruins dele, os amigos da pessoa já começam a achar que você perdeu a noção e a razão. Daí vocês param de transar porque não sentem vontade. É meio que um acordo silencioso e cada um empurra um pouco da culpa pro outro, como se fosse a almôndega de *A Dama e o Vagabundo*.

Não é pontual, nunca é. Não existe um motivo: eis uma grande mentira nos termos e nas justificativas que damos ao outro quando decidimos partir. Existe uma série de coisas que ajudam a romper com o outro, a acabar com o sentimento bom, a ruir com tudo. São as traças da convivência que vão se proliferando enquanto nenhum dos dois chama a dedetização. Pode ser que um deles não perceba e nem veja a corda rompendo, mas o outro está ali ao lado respirando fundo e contando até dez. Até uma hora que não dá mais.

Sempre é um conjunto de provocações, de desgastes, de coisas que aconteceram nos últimos tempos. Meu amigo, provavelmente, não fazia ideia de como o relacionamento dele estava. Não fazia ideia de como ela se sentia, não percebia os fragmentos expostos de mágoas dos dois. Foi pego de surpresa, talvez pela falta de diálogo, talvez pela falta de tato. Tem vezes que a gente realmente tapa os olhos com peneira para tentar não enxergar o que está bem na nossa frente. A ex-namorada não tinha tomado uma decisão irracional ou precipitada, ela só tinha estourado de vez, em mais um momento em que se sentiu acuada, desgastada, desrespeitada pelo suposto amor do outro.

Assim como eles dois, não foi a ponta do *iceberg* que afundou o Titanic, foi o imenso pedaço de gelo submerso que não enxergaram durante a rota. Se meu amigo tivesse notado os sinais antes, poderia ter gritado no meio do caminho, poderia ter percebido que não foi culpa de uma mísera fatia de bolo.

PONTO DE PARTIDA

**“If you’re strange
Then I would love to meet you
I can’t go on any other way.”**

(I Am Mine – Beta Radio)

Percebo que existe uma utopia muito grande e uma visão polarizada sobre os dois papéis no fim de um relacionamento, como se fosse simples categorizar alguém como vilão ou mocinho de uma história. Eu já estive nos dois lados da moeda, já fui quem parte e já tive meu coração partido.

Um desses pontos que costumam pregar por aí é o fato de que só sofre quem é deixado. Quem termina, supostamente, não tem sentimentos e consegue esse desligamento frio e indolor do outro. Já eu tenho uma visão diferente da situação: a menos que você seja um canalha sem escrúpulos, você sofre com um término mesmo que você decida fazê-lo. O que acontece é que os pontos de partida do sofrimento acontecem em momentos diferentes para as duas pessoas envolvidas.

Quem deixa alguém passa por um processo mental muito anterior a quem é deixado. Quem deixa começa a ter incertezas e a passar por situações individuais que mostram o desgaste ou o resfriamento da relação. Quem deixa percebe sinais que incomodam, percebe as coisas que colocam em dúvida o que se tem ali, tem de lidar com esse ruído enquanto convive com a outra pessoa. Quem deixa o outro, geralmente, sofre na companhia de quem não ama mais. Eis que, num ponto em que as coisas já foram digeridas, num ponto em que muita coisa passou pela cabeça dessa pessoa, ela decide pegar a foice e matar aquilo tudo.

É nesse momento, nesse exato momento, que o outro começa a sofrer.

Quem é deixado começa a se perguntar o que deu errado quando já foi abandonado. Quem fica analisa toda a relação sob a ótica de quem não está mais nela, vira um observador de passados, vasculhando em caixas de memórias onde foi que a água começou a transbordar. Quem fica sofre o luto da falta, sofre o susto de quem não esperava aquilo, sofre de uma maneira isolada que machuca os olhos de quem vê. Quem é deixado, geralmente, sofre sozinho. E não tem a oportunidade de tentar restaurar coisa alguma.

São dois tipos de dor que obedecem a cronologias diferentes, o que faz com que a gente tenha a impressão de que existem vítimas e criminosos em relacionamentos. Inclusive, existe um senso aqui – também de autopiedade – que todos nós utilizamos ao julgar o fim de uma história. Na

maioria das vezes, vamos defender quem foi pego de surpresa e foi deixado. Vamos nos identificar com a história do abandono e com a tristeza de ter de reestruturar a vida a partir dali. Ignoramos solenemente aquele que vai embora, mesmo que as razões escolhidas por ele também partam seu coração. Mesmo que as razões escolhidas por nós também partam nosso coração.

Depois de alguns fins, principalmente aqueles assistidos nos meus filmes preferidos, comecei a tentar enxergar os seres envolvidos mais como pessoas e menos como papéis definidos pelo cinema. Foi assim que consegui entender melhor a Summer, de *(500) Dias com ela*. A personagem tem sido alvo de duras críticas como alguém que não podia ter feito o que fez com o pobre Tom, não podia tê-lo deixado. Mas alguém já parou para ver quão infeliz ela poderia estar com ele, como ele a sufocava, como ela tinha todo o direito de tentar encontrar em novas relações algo que fosse melhor e mais bonito para ela? Não. Olhamos todos o lado do mocinho depressivo que ficou lamentando por muito tempo a ida da mulher da sua vida, como se ela não tivesse também o direito de ir em busca do homem da vida dela.

Esse tipo de coisa acontece mais do que a gente imagina: relacionamentos são tentativas nossas de acertar na loteria. Escolhemos alguém que nos mova e, ao mesmo tempo, apostamos em algo que pode dar certo. Pode, assim como também não pode. Ambos investem tempo, investem esforço, investem um pouco de alguma coisa. Quando acaba, ambos saem um pouco mais destruídos (ou aliviados). Mas os dois sentem, os dois sofrem, os dois têm visões diferentes do seu lado da moeda. Por mais que às vezes pareça que é, o amor não é um jogo simples e fácil de cara ou coroa.

VOCÊ NUNCA VAI FICAR SOZINHA

**“Tell me, did you fall from a
shooting star
One without a permanent scar?
And did you miss me while you were
looking for yourself out there?”**
(*Drops of Jupiter* – Train)

Onde foi parar essa promessa que a gente fez debaixo da árvore, mentira, não tinha árvore nenhuma e, se eu bem me lembro, foi em São Paulo, concreto sobre concreto, um calor infernal e praia nenhuma por perto pra gente fugir, não era? Os fatos se distorcem à medida que eu me afasto de você, um *blur* seletivo, mas quem seleciona, amor? Eu não escolhi nada, nem um mísero caleidoscópio na entrada da sala, eu queria o quadro de *Friends* e você uma frase do Freud. Quem põe Freud dentro de casa sem achar que isso não vai perturbar a gente? Claro que não vai, já estamos perturbados, já nascemos perturbados, olha quanta grana a nossa geração gasta com analista, olha quanta gente ganha dinheiro ouvindo os nossos problemas e jurando que podem resolvê-los, jurando que podem desenvolvê-los, jurando que era culpa dos meus pais e da minha infância ou de algum período da vida em que não fiz o Édipo ou de um período da tua vida em que tu não fizeste o uso correto dos verbos e conjugações numa redação da sexta série e aquele dia te traumatizou, não foi?

A verdade, a mais pura verdade, é que a gente não sabe nem de onde veio nem onde vai parar. Você pode dizer pra mim que foi catorze de maio ou catorze de abril, que diferença faz um mês? Talvez daqui a algumas tardes, talvez daqui a algumas páginas isso faça diferença, mas agora não faz. Eu não lembro, não lembro de nada direito, você se lembra de algo antes dos seus oito anos ou acredita no que te contaram por causa das fotos? Você tem certeza de que tava feliz naquela piscina de bolinhas, mas você pode ter batido a testa no chão, ou caído com o sorvete virado pra baixo, ou teu pai pode ter te dado uma surra de cinto e você não lembra porque já faz muito tempo e porque você não presta atenção nisso, e com a gente aconteceu o mesmo.

Eu acho que foi destino, sei lá, não sou muito religioso pra dizer que foi Deus ou alguma divindade, mas você raspou uma picafe no meu 1.0 e eu quis tanto te matar, tanto te esganar, quis tanto sair gritando do carro pra reclamar porque tava tudo dando errado naquele dia que eu desabei, desabafei e foi aí que tudo começou, não teve árvore nenhuma não, foi numa rodovia gigante enquanto a gente tava indo pra Búzios e você errou o caminho, eu tava morrendo de

medo do escuro, você disse que eu não ia ficar nunca mais sozinha no escuro e eu achei tão bonito aquilo que perdi o medo de dormir com as luzes apagadas. Promessas e mais promessas, a gente prometeu tanta coisa, você prometeu que ia parar de roncar e nada, lembra? Não fica mal por ter quebrado algumas delas, não fica mal mesmo porque eu também quebrei um monte, mais de uma dúzia, quebrei a vontade de manter as promessas, o que eu acho que é bem pior. Quebrei a perna por teimosia, quebrei a janela pra afrontar você, quebrei a gente, você me ajudou, pega uma marreta que eu vou com o machado, quem romper primeiro avisa o outro que tá na hora de ir embora, lembra? Mas pra casos de sujeira como essa que a gente deixou não tem faxineira que dê conta, vai ser no muque mesmo, pega um pano e eu pego o escovão, vamos consertar essa bagunça, não vamos?

Onde foi parar aquele amor todo que a gente disse que sentia? Onde foi parar aquela coisa de não me deixar sozinha no escuro, não te deixar sozinha no escuro? Mas foi você quem apagou a luz, *baby*, a gente vive na maior cidade da América do Sul, você nunca vai ficar sozinha. Acredito nisso porque é mais fácil do que acreditar em fantasmas, eu me impressiono fácil, você sabe que vejo penumbras no quarto, ouço barulho na rua e morro de medo de ser alguma coisa saltando do armário, alguma coisa saltando de dentro de mim, coisas que eu tentei esconder esse tempo todo e que não foram soterradas quando a gente se demoliu, entende? Tenho medo que sejam as promessas vindo atrás de mim para cobrar resoluções, cobrar novos rumos, cobrar previsões de destinos que um dia raspam no meu carro, mas eu não tenho como pagar tudo isso sozinha, não tenho.

EU, QUE NÃO TE AMO MAIS

**“Remember when we were such fools
And so convinced and just too cool.”**

(Who Knew – P!nk)

Ele disse “eu te amo”, e eu não consegui responder. Alguma coisa dentro de mim travou. Pensei que fosse a prisão de ventre habitual e procurei na bolsa algum remedinho pra desentalar aquilo. O problema tava na garganta, mas eu ainda conseguia xingar motoristas de táxi e gritar com o meu irmão mais novo. Então não era um nó físico, era uma espécie de trava maior que isso. Fui ao médico. Você não tem nada, disse o doutor. Era exatamente isso: eu não tinha (mais) nada.

De uma hora pra outra, eu já não sentia mais vontade de deitar no mesmo carro que ele. As aventuras de noites mal dormidas procurando ruas desertas pra darmos uma trepadinha tinham dado lugar ao sono. As três vezes por semana em que nos encontrávamos religiosamente tinham virado uma, se eu estivesse de bom humor. Quando ele dizia “eu te amo”, o máximo que eu conseguia retornar era um “obrigada”. E seria extremamente rude se eu disparasse aquilo. Então eu sorria e o abraçava pra esconder a evidência mais clara de que tudo tinha acabado e que não tinha mais nada ali.

Você já sentiu esse incômodo de acordar um dia e não amar mais alguém? É chaaaaaaato. Assim mesmo, com uma demora insistente que faz a gente pegar bode até da coisa mais fofa que a pessoa disser. Toda aquela vontade de ficar junto dá lugar a um único pensamento: como foi que a gente ficou junto se a gente não tem nada a ver? O amor é capaz de tornar as pessoas suportáveis. Não sei até hoje como ele me tolerava, não sei até hoje como éramos capazes de dividir as mesmas séries sem acabar quebrando a televisão.

E foi assim que eu me arrastei por meses: em silêncio, numa encenação magnífica de quem não está entendendo o que acontece. Até que ele se tocou e perguntou se eu ainda o amava. “Não”, disse na lata. “Nem eu”, ele respondeu. Fui pega de surpresa, meu ego cedeu. Como assim você não me ama mais, seu canalha? “Não amo faz tempo, mas é costume, né? Dizer que a gente ama”. Não sei até quando ele planejava manter o disfarce, mas a verdade é que eu não esperava. Eu não conseguia responder, ele ainda conseguia falar. Quando foi que começou essa história toda de não me amar mais, será que foi antes de acontecer comigo? Será que ele acordou um dia mais cedo, olhou pro lado e decidiu ir tomar café na padaria por pura preguiça de se sentar comigo? Quanto tempo passei dizendo que amava e amava e amava mesmo, mas ele

não?

Nós ainda dormimos uns seis meses na mesma cama. Comodidade pura, a grana não tava fácil, nós ainda éramos meio amigos, nada muito diferente que dormir com seu irmão mais velho. Não tinha mais nudez, nos tornamos pudicos, cada um com sua parte na geladeira, ninguém mais roubava comida do outro e foi assim que continuamos um ao lado do outro por pura comodidade. Ninguém entendia a gente, e até hoje acho que nenhum de nós dois entendia o outro. Até que ele disse que tinha se apaixonado – e eu sei muito bem a hora de bater em retirada. Três numa cama era demais pra mim. Ainda mais que na última manhã eu saí do quarto e ouvi uma conversa dele no telefone. Ele disse “eu te amo”, e eu não consegui responder. Só deixei as chaves em cima da mesinha da sala e fui embora.

VOCÊ NÃO ERA A PESSOA DA VIDA DELE

**“What if the storm ends?
And leave us nothing
Except a memory
A distant echo.”**

(The Lightning Strike – Snow Patrol)

– Acabou, desculpa, não era você.

De todas as palavras que você ouviu, acho que “acabou” foi a mais forte. É uma daquelas decisões definitivas que não dependem da gente e que, na maioria das vezes, a gente nem previa. Vem como um *tsunami* enquanto você tava de costas tirando uma foto e mostrando o mar pra mandar por WhatsApp pros amigos em um dia qualquer. Acho que o ponto é exatamente este: até agora, todos os dias pareciam um dia qualquer até você ouvir que acabou. E agora, como vai ser amanhã sem ele(a)?

A primeira reação é de susto. Enquanto submerge à força na correnteza, o seu cérebro tenta bolar uma maneira prática e rápida de salvar a sua vida enquanto o seu corpo sente a dor da porrada, o choque provocado pelo frio e você começa a se afogar involuntariamente. A maioria das pessoas acaba se afogando nesse momento e não tem Jack pra ceder lugar na mobília flutuante em alto-mar. Pelo contrário: foi ele quem tirou toda a mobília de perto e te atirou do navio. E você continua sufocando um pouco e luta pra entender isso, apesar de já ter um conceito mais ou menos formado na sua cabeça das coisas que estão por vir.

Quando a gente ouve um “acabou”, os papéis sociais do relacionamento mudam. Quem você ama se torna seu algoz e você passa a ser um mártir desolado. Na verdade, bem no fundo, você não queria que as coisas fossem assim. Queria continuar vivendo o seu mundo encantado onde a felicidade residia num endereço com prédio e apartamento já gravados na memória. Queria prosseguir com aqueles planos de sempre e com as caminhadas no parque aos domingos. Queria continuar visitando a família dele e, meu Deus, como vai ser agora? Acho que o maior problema de ser mandado embora contra a vontade é ter de entender as partes do todo que levaram o outro a essa decisão. Depois disso, a parte mais difícil fica em consertar a vida.

Como você explica pras pessoas que o mundo desmoronou quando você nem sabe o motivo? Você tenta ficar bem, fingir que todos os dias continuam sendo os mesmos, mas a gente sabe que tudo mudou. Mesmo que o caminho pro trabalho ou pra casa seja o mesmo, ontem e hoje são dias pertencentes a épocas completamente diferentes. E, por mais que você não queira, você

descobre que o outro é um desconhecido, ou cretino, ou alguém que você vai aprender a odiar por ter despejado você.

Mas, focando nesse ponto, vamos a um breve comentário sobre a natureza das pessoas: a gente vai sempre tentar encontrar motivo ou raciocínio lógico pra explicar o porquê disso quando a gente achava que tava tudo bem. Na maioria das vezes, o outro tava travando uma batalha interna tão grande que a gente jamais viu. Nunca foi sobre a gente, sabe? Ele(a) talvez tivesse chegado à conclusão de que não era pra ser e não havia nada que a gente pudesse fazer pra mudar isso. Não era com a gente, era a forma com que o outro nos via. A forma como ele(a) se sentia do nosso lado, as coisas que passavam pela cabeça e pelo coração. Por isso, ele(a) pode até ter feito a gente feliz, sem dúvidas, mas será que ele(a) tava feliz? Amor não foi feito pra ser prisão e, olha, o mundo é gigante. É um pouco egoísta prender alguém pra ser a pessoa da nossa vida se a recíproca não é verdadeira. Numa análise fria e compreensiva até demais, talvez ele(a) só estivesse buscando uma chance de ser mais feliz com alguém que não era você.

Você, bem, você não deve estar querendo pensar nisso agora. Que se foda o outro, afinal de contas ele já é seu algoz. Mas a questão aqui, que pode fazer toda a diferença, é o modo que a gente escolhe em lidar com o fato de ser expulso da vida de alguém. A gente pode carregar isso como mágoa e cravar uma guerra pessoal maior ainda ou a gente pode tentar entender que o mundo é gigante e que amor não é mesmo uma prisão, nem pra quem decide ir, nem pra quem acaba ficando. Coisas acontecem, pessoas vão embora, pessoas se ferram, é o ciclo de vida de muitos relacionamentos. No meio disso, a gente pode encontrar um final feliz ou uma estadia feliz, independentemente do que aconteça depois dela.

Mas, se me permite deixar um conselho, eu diria que a melhor forma de superar isso é deixar um pouco de lado essa necessidade que a gente tem de entender todos os motivos que levaram ao “acabou” doloroso. Acredite em mim: você já vai ter trabalho demais arrumando a sua vida daqui pra frente, então, quanto menos drama, melhor pra você. Ponha tudo em pratos limpos e pense que você não era a pessoa da vida dele(a). Talvez ele(a) nem fosse a sua também. Olhe mais pro que vai vir pela frente porque todo recomeço traz um novo mundo de pessoas e expectativas pra nossa vida. Boa sorte com isso.

12

ACABOU

“E tudo foi desbotando até desaparecer.”

(De Passagem – Cícero)

Acabou o açúcar. Acabou a luz. Acabou a falta. Acabou de descer, senhor. Acabou de aceitar o convite pro jantar. Acabou de deixar um pacote na portaria e pediu pra dar um pulo no apartamento dela. Acabou de tomar o café e já saiu correndo pro trabalho. Acabou de mostrar que a calcinha é menor que o bumbum e deu até pra ver o sinal de nascença dela do lado esquerdo. Acabou de me dar um beijo no pescoço e deixar uma marquinha inocente de batom laranja. Acabou de passar por aqui e disse que vocês iam conhecer os pais dela hoje. Acabou o frio e o espaço pra mais um na cama.

Acabou com o açúcar da dispensa e nem me disse nada pra comprar mais. Acabou de acordar e perdeu a hora da sessão. Acabou de começar o filme, vai querer entrar mesmo assim? Acabou de mostrar no jornal que a maioria dos casais passa a se suportar menos quando percebe que as diferenças entre eles podem ser assustadoras, ainda mais quando não estão a fim de abrir mão de serem só seus pra emprestar versões melhores de si a quem amam. Acabou que a gente sempre achou besteira essa coisa de solidão a dois de que o Cazuzza falava. Acabou com os quadros da sala e com as paredes do meu quarto porque disse que eram feios demais e o meu gosto pra arte não era refinado. Acabou que se atrasou mais uma vez e nem me ligou pra pedir desculpas, cara. Acabou a chuva, e nem assim eu senti vontade de sair de casa para vê-la. Acabou a discussão só porque você acha que tem razão? Acabou a pretensão. Acabou a saudade e o ciuminho bobo. Acabou o charme e tudo ficou quieto demais.

Acabou sem açúcar. Acabou que era melhor ter tomado café na padaria da esquina porque a cafeteira tava quebrada igual a gente. Acabou de descer, doutor. Acabou de trocar a fechadura da porta e parece que deixou uma mala pro senhor aí embaixo. Acabou que eu cortei o cabelo, fiz a barba, comprei umas roupas novas e mudei de emprego. Acabou tudo em comum e o que era incomum ficou medíocre. Acabou que não era pra ser, cara, mas eu tô bem. Acabou o frio na barriga e dois num edredom só era demais. Acabou a gente.

NO DIA SEGUINTE

**“When you’re dreamin’ with a broken heart
The wakin’ up is the hardest part.”**

(Dreaming With a Broken Heart – John Mayer)

Quando eu acordei, achei que seria só mais um dia comum. Levantei, fiz meu café, pedi um táxi por causa do atraso, me senti mecânico de uma maneira estranha. Não foi o ansiolítico nem o remédio para alergia. Algo aqui dentro não estava raciocinando. Você já teve ressaca? Se não teve, saiba que é uma das piores sensações do universo. Você passa o dia seguinte inteiro sentindo como se a sua cabeça fosse explodir a qualquer momento, como se o seu estômago fosse vacilar e te fazer correr para o banheiro, você não consegue focar em nada e só pensa na sua cama e num jeito de fazer essa sensação passar. Eu me sentia exatamente assim.

O dia passou como um borrão, não quis comentar com ninguém, mas as coisas acontecem quando a gente menos quer que elas aconteçam. Senti falta de te pedir ajuda, senti falta de te ligar para falar alguma bobagem, senti falta de te avisar que chamaram a gente prum casamento, mas eu nem disse que a gente não tava mais junto. Senti falta de passar de surpresa na sua casa pra brincar com os gatos, senti falta de reclamar do trânsito de São Paulo. Senti falta. Foi tudo o que eu senti.

O mais estranho foi reparar em como tava todo mundo tocando a vida, todo mundo sem perceber que o meu mundo tava ruindo e eu lá, sentadinho como sempre, de fones de ouvido sem escutar nada, vivendo a maior ressaca da minha vida. O problema é que dessa vez não tinha remédio, a combinação de antiácido com dipirona não adiantava e eu não queria fazer nada de supetão. Restava a esperancinha de que você topasse voltar.

Daí se passaram algumas horas, quase vinte e quatro depois, e você não voltou. Não mandou mensagem nenhuma. Não pediu pra eu abrir a porta nem nada. E eu resolvi que não iria comer, que faria greve de fome para ver se você vinha cuidar de mim. Só que isso não importa, eu não importava mais pra você, não é? Erro burro o nosso de esquecer das considerações que vêm junto com a despedida. Não importava o que eu iria jantar naquele dia, não importava se aumentaria o meu colesterol, não importava se alteraria o exame de diabetes, você não se importava mais. Você não se importava mais comigo.

Tem todo aquele papo de que a gente consegue virar amigo de ex, não é? Negarei até a morte essa possibilidade, porque toda a falta virou ódio logo perto da meia-noite. Virou uma coisa que eu não sabia que existia, virou um monstro dentro de mim. Eu senti vontade de quebrar tudo o

que você tinha me dado, levantei e comecei a jogar os presentes num saco de lixo e tinha certeza de que mandaria entregar tudo na sua porta no dia seguinte, com um pedido para você devolver as minhas coisas também. Você tá indo embora, não tá? Então leva tudo. E me devolve tudo também porque eu não gastei dinheiro à toa, viu? Não importa o quanto eu te ame, não importa o quanto eu esteja sendo infantil, não importa nada porque agora o que importa é o que eu quero.

Não importa.

Não importa.

Não importa.

Não importa.

Não importa.

Não importa.

E dormi sem comer nada.

O problema do dia seguinte é que ele se repete mais do que a gente imagina.

14

DESROTINA

**“Tudo que é bom dura pouco
E não acaba cedo.”**

(Eu Nunca Disse Adeus – Capital Inicial)

Mudei o papel de parede da sala e você nem viu. Troquei a mobília velha da biblioteca e mandei limpar uma vez por semana, por causa da sua alergia à poeira. Coloquei os livros na ordem em que a gente tinha combinado de ler. Aquele que eu te dei primeiro e você leria o meu presente, e depois a gente trocaria. Pintei uns quadros abstratos, como aqueles que você falava tanto nas exposições pra onde me arrastava. Peguei a sua mania de escovar os dentes vendo o noticiário. Pra aproveitar o tempo, sabe? Fiz meu almoço de domingo e economizei o dinheiro do japonês pela primeira vez na vida.

Você sentiria orgulho de mim.

Pintei as paredes da varanda de vermelho sangue. Quebrei as vidraças da estante umas duas ou três vezes. Atendi os vizinhos com olhares estranhos no lugar de xícaras de açúcar. Contei para a terapeuta o porquê dos livros incendiados e do olhar vidrado enquanto a água escorria pela banheira e inundava o apartamento. Toquei na ferida e abri só mais um pouco a pele pra ter mais espaço. Troquei a casca e me fiz de camaleão pra conseguir sobreviver em qualquer ambiente desolado, largado ou solitário aqui de casa. Perdi alguns quilos sem nem precisar de academia e aprendi a falar mal dos outros em alemão, francês e chinês, para que não reclamassem mais dos barulhos à noite. Aprendi a ler bulas de tarjas pretas. Dormi às cinco da manhã.

Coloquei uma poltrona nova pra combinar com o tal papel de parede novo que você nem viu, e pus uma luminária gigante ao lado. Terminei de ler o meu livro e depois troquei pra ler o seu presente. Dei os quadros todos de presente pra minha mãe, e até que as amigas dela gostaram de alguns traços e cismaram que lembrava algum rosto e disseram que eu não era tão abstrato assim como você dizia. Manchei algumas camisas novas com pasta de dente por conta da distração da TV e demorava mais tempo ainda pra trocar a roupa. Me atrasava sempre. Joguei a comida de domingo fora depois da segunda garfada porque faltou tempero, e culinária nunca foi meu forte. Resolvi que gastar o meu dinheiro com o japonês seria mais prazeroso, e seguro para mim mesmo. Esvaziei os frascos na pia e deixei meu sono sem rótulo nem bula médica. Apaguei as luzes e apaguei você.

Você sentiria pena de mim. Mas você também não viu isso.

VOCÊ NÃO ME DEVOLVEU

**“There’s still a little bit of your
taste in my mouth
Still a little bit of you laced with
my doubt.”**

(Cannonball – Damien Rice)

Será que um dia eu voltarei a ser o mesmo? Digo, o cara que eu era antes de você, sabe?

Fico pensando nisso enquanto brinco com o gato no sofá. Não sou mais eu, mas quem eu era também não é meu. A gente nunca é, né? Depois de cruzar a soleira da porta, não tem mais volta. Uma vez que esbarramos em alguém e decidimos ficar um pouco, tudo muda.

Eu já não tenho mais a mesma pele, nem você. Não tenho os mesmos hábitos enlatados, todos na fila dos laticínios do supermercado. Nem lembro qual deles você ainda estoca em casa, qual deles você jogou fora. Você também cortou o glúten, a lactose e um pouco de mim. Parou de beber da fonte, nunca mais me provou. Na sua dieta, ter um pouco de mim é demais. Pesa muito, causa náuseas, você desenvolveu intolerância. Fui riscado da lista.

Você não me devolveu.

O meu dia a dia também não funciona da mesma forma. Antes era uma coisa, era só eu. Depois veio você. Mudei trajeto, te peguei em um ou dois lugares, comi num restaurante horroroso em Pinheiros e até usei aquela expressão brega “fazer amor” em vez de foder. Eu queria foder com você, mas não era só isso. Eu queria terminar e deitar ao teu lado, jogar um braço por cima e uma mão nas coxas. Eu queria que você sentisse o mesmo e me bateu um medo tremendo naquela noite porque não senti que você pulsava.

Eu já não era o mesmo, tarde demais.

Será que um dia a gente cicatriza? Não o machucado, a gente. Aquela coisa de fechar completamente e viver sem marca, fingindo que continuamos os mesmos. Andando do mesmo jeito, vendo o mundo do mesmo jeito. Contando a nossa história como se você não tivesse acontecido no meio dela. Mas não quero te encontrar em Montauk. Acho que não aguento o tranco.

Fico pensando nisso enquanto mudo de canal pra evitar *Crepúsculo* pela quinta vez na programação desta semana. Não sou mais eu, mas quem eu era também não é mais seu. A gente sempre deixa de ser, né? Depois de cruzar a soleira da porta, não tem mais volta. Uma vez que esbarramos em alguém e decidimos ir embora, tudo muda.

O TEMPO DO LUTO

**“Deixe que o beijo dure
Deixe que o tempo cure
Deixe que a alma tenha
a mesma idade que
a idade do céu.”**

(A Idade do Céu – Paulinho Moska)

Vão bater na tua porta, vão te ligar aos montes, vão ter dó de te deixar sozinho. Vão espantar o escuro, vão decretar estado de alerta e euforia, vão te marcar nas coisas mais engraçadas da internet. Vão descarregar caminhões de felicidade empacotada na tua casa, vão te apresentar amigos e mais amigos, vão comprar passagens de avião pra Indonésia de presente. Vão mover mundos e fundos para que você fique bem. Mas você não reage aos estímulos.

Eu demorei muito tempo para entender essa sensação. De início, achei que era depressão. A vontade de não ver ninguém, o tempo fechado dentro do quarto, não rir com *As Branqueiras* e outros filmes de humor. Sinais sérios que dez minutos de Google indicavam depressão severa. Poderia até ser, mas insisti em deixar pra lá. Não deveria, depressão pode ser algo realmente assustador se não for diagnosticado e tratado. Não indico minha imprudência para ninguém.

Deixei pra lá e continuei ignorando os chamados dos meus amigos, as perguntas para saber como eu estava, a insistência para que eu ficasse bem. E o que seria ficar bem? Superar, passar por cima, acordar pra vida, me divertir, pegar alguém, beber todas, chegar às cinco da manhã em casa, morrer de rir vendo videoclipes, aprender uma coreografia nova, tirar fotos no parque, fazer uma viagem incrível e relatar tudo num blog, sorrir mais. Tudo o que eu não tinha a menor vontade de fazer no momento. E era tão difícil explicar isso para os meus amigos porque, bem, eles só queriam me ver bem.

Quando eu estava no processo de esquecer alguém, percebi uma pressão externa enorme para que eu não me entregasse a isso. Ninguém queria me ver abraçando a fossa. Mas era exatamente o que eu precisava. Eu precisava abraçar tudo, precisava descer ao fundo do poço, precisava passar por todos os clichês que você imagina que uma pessoa devastada passa. Eu precisava viver meu luto. E isso incluía sair sozinho para ir ao cinema e chorar quando não tivesse ninguém vendo, pedir uma pizza por dia durante uma semana, aumentando meu estoque de colesterol e gordura de uma forma não muito saudável. Eu não pretendia estender isso por muito tempo, mas também não sabia quanto tempo duraria essa sensação de estar pra baixo.

Uma coisa que nossos amigos não entendem é que não há nada que eles façam que nos tire dessa sensação de impotência e tristeza em que nos encontramos depois de um fim que nos abalou. E por mais que eles se sintam na obrigação de nos deixar felizes, eles poderiam respeitar esse espaço que reservamos para curtir a fossa. Existe um perigo muito grande em ignorar a tristeza quando se sente. É necessário abraçar tudo, chorar o que a gente tiver pra chorar, botar pra fora toda dor e todo drama que nos envolve nesse momento. É necessário passar mais tempo conosco e analisar minuciosamente a mesma cena diversas vezes. É necessário drenar todas as coisas para começar a enxergar luz no fim do túnel. E esse processo é pessoal e intransferível, não tem como alguém sofrer por você, não tem como alguém acelerar o sentimento.

Eu não sei quanto tempo minha fossa durou, não sei quanto tempo passei sentindo a falta. Mas eu precisava senti-la. E tentei explicar da forma mais doce e didática aos meus amigos que eu estava bem, só estava triste. Que a tristeza uma hora passaria e eu ligaria para saber das festas da semana. Que eu não queria conhecer ninguém agora, mas uma hora eu sairia de novo com outra pessoa. Que eu deixaria a porta do meu quarto trancada, mas abriria a janela pra ver estrelas à noite. E que eu não saberia dizer por quanto tempo passaria por isso, mas eu os amava e esperava que eles entendessem. Eu precisava do meu momento.

Você não pode se forçar a viver uma euforia que não sente, mesmo que pareça preocupante o quanto se entregou ao luto. Mas você precisa tirar isso de dentro de si, e é por isso que ninguém tem de controlar o seu processo. Esteja aberto para pedir ajuda quando perceber que as coisas fugiram do controle, mas também esteja confortável para tomar o seu tempo de dor. Como diria o Moska, numa das minhas músicas preferidas: *“Calma, tudo está em calma. [...] Deixe que a alma tenha a mesma idade que a idade do céu”*. Eu deixei que o luto tivesse o tempo que precisava ter.

DÚVIDA É SÓ O QUE EU TENHO EM RELAÇÃO A VOCÊ

**“Respirando mágoas
De uma outra dor
Do nosso caso imoral.”**

(Amor Marginal – Johnny Hooker)

Foi devagar, cara.

Nunca é rápido.

Essas coisas acontecem de forma dolorosamente lenta.

Ele chegou, botou a mão no meu ombro e perguntou se eu ainda gostava de morangos. Gosto. Ainda? Por que não? Porque o tempo voa e a gente perde as coisas. Mas não perco o gosto por morangos. Eu perdi. Gosta de quê agora? De você. Não fala assim que é até pecado mentir sobre uma coisa dessas. Não minto, gosto de você. E eu gosto de morangos, porque você nunca gostou de mim. Gosto agora. Não, agora você precisa de mim, é diferente. Por que é diferente? Porque você nunca botou as mãos nos meus ombros, nunca foi com calma, sempre passou feito trator por cima de tudo o que eu sentia, e agora vem com esse papo de morangos. Você não gosta? Gosto. Então qual o problema de falar sobre morangos? É que eles me lembram você.

Ele deu de ombros, puxou uma cadeira e perguntou se poderia fumar ali. Não fuma. Por quê? Eu não gosto de cigarro. Alergia? Não. Aversão? Também não. Então que porra de problema tem o cigarro? Eu vou querer fumar com você. Fuma. Não, tô querendo parar. Por quê? Fico com a garganta toda seca na manhã seguinte, é como se eu tivesse bebido da fonte até me afogar. E a sensação não é boa? Não, é péssima, você traga um, dois, sete e acha que aquilo tudo vai fazer com que a sensação de torpor nunca acabe, e quando acaba é pior ainda. Hmm, não sei. O quê? Isso tudo não é papo pra justificar o vício? Talvez, mas se fosse, eu saberia. Como? Porque é exatamente assim que eu me sinto com você: quanto mais eu deixo você aqui, mais acordo sentindo falta. Eu? Uhum, você vem e me engasga, bota a mão no meu pescoço e bagunça a geladeira, passa a noite e amanhã você nunca esteve aqui, me pergunto se você realmente veio. Eu tô aqui, sobra dúvidas? Dúvida é só o que eu tenho em relação a você.

Ele levantou e terminou o cigarro, me segurei pra não acompanhá-lo – no cigarro e na cama –, me disse alguma coisa sobre não adiantar resistir e eu me mantive firme. Abri uma garrafa de vinho e peguei uma taça, virei até encher perto da borda e bebi. Não vai me oferecer? Eu

ofereço, sempre te ofereço, me ofereço todo e você recua. Falei sobre o vinho. Falei sobre a gente. Não tem a gente, você sabe, pra quê levantar esse papo de novo? Porque você veio de novo, mesmo tendo prometido da última vez que não viria mais. Era pro seu bem. Ou pro seu próprio bem, mas você não consegue. Não consigo o quê? Me deixar de lado, ou melhor, me deixar pra sempre. Não ache que você é especial. Silêncio. Desculpa, não foi o que eu quis dizer. Não, foi sim, foi exatamente o que você quis dizer, pela primeira vez você me disse algo sincero. Mentira, eu te disse que gostava de você. E eu já disse que sei como é mentira. Silêncio. Viu, você não diz nada, só mente. Você também mente, mentiu dizendo que não tinha ninguém. E não tenho, ele é como você, mas fica. Então tem. Não tenho, tinha você, mas você é feito sombra. Só porque eu vou embora? Só porque eu nunca vejo você, só vejo rastros, só vejo a geladeira bagunçada e uma caixa da feira em cima da mesa, e eu odeio, odeio ver aquele vermelho me lembrando que você já foi embora. Ué, você não gosta de morangos? Eu gosto, eu amo, assim como eu amo você também, por isso.

Dessa vez foi rápido, cara.

Nunca é devagar.

Essas coisas acontecem de forma dolorosamente passageira.

BEIJO DE ESQUIMÓ

**“You dont say it like you mean it
And I don’t mean it like I say
The morning left us both defeated.”**

(Sun Tomorrow – Ira Wolf)

Odeio o gosto de café frio na boca, sabe? Quando a caneca passou tanto tempo indo de uma mão pra outra que fez o café esfriar. Cê não percebe, eu nunca percebo quando vou levar à boca e cuspir amargo o que deveria curar a ressaca. É a mesma coisa quando senti que tava te perdendo de vez: eu não previa, mas foi acontecendo.

Confesso que eu esperava que a gente fosse voltar. Que você fosse acordar um dia na cama e perceber a burrada que fez. Que fosse me ligar para tomar vinho e escolher um bem bonito, já que a gente nunca fez o curso de degustação que comprei pra nós dois. Que fosse dizer que tinha desistido dessa ideia patética de a gente viver longe um do outro, sem beijo de esquimó antes de dormir. Que as coisas tinham passado o suficiente para você decidir tentar de novo.

Mas não foi bem assim.

Cê me ligou para dizer que tava indo embora e me pediu para dar um pulo e me despedir. Disse que seria numa segunda-feira pra ver se a gente aprende a amar as segundas quando elas se tornam importantes, mas eu só consegui odiar mais ainda as segundas. Pediu pra levar o labrador, mas ele não entrava no nosso café preferido, então te chamei lá pra casa. Quantas memórias cruzaram a porta junto com você?

De repente, eu não era mais figurante. O personagem que faltava voltava à cena, a gente podia até ser uma família feliz de comercial de margarina. O maltês tava no seu colo, eu tava no seu colo, e você disse que tava indo embora sem data de volta. Acho que você não ouviu o silêncio como eu ouvi, o tempo que demorou para eu reagir depois das suas frases, como sufoca o tempo quando a informação é de que a gente não vai ter mais quem ama, de que a pessoa que tava ali há pouco tempo não vai mais estar. Parece que o mundo todo se aglomera pra caber no peito, fica tudo pequenininho e vem uma falta de ar, falta do que dizer, falta de você, será que você vai sentir minha falta? Se não vai, eu vou. E tenho dito.

É o fim do fim que já aconteceu. Geralmente sou cheio de fins. Um fim depois do outro, até eu ir me acostumando a acabar. Nunca é fim e ponto final, sou sempre fim e fim e fim e fim e fim até que enfim. Não tem muito o que fazer, tem? Cê não me pediu pra correr atrás de você no aeroporto, também não colocou meu nome como contato de emergência. Tampouco veio para

dormir comigo num Vale a Pena Ver De Novo improvisado. E você acaba de jogar nosso perfeito comercial de margarina no lixo, com tampa e tudo mais.

Foi despedida com café frio gelado amargo cheio de sal que é para temperar sem compaixão o cuspe que eu dei na minha esperança. Era a morte da saudade, o começo dos novos tempos. Não tinha mais para onde correr: eu teria de começar a te superar. Caso contrário, eu moraria neste país inteiro sem você. Com saudade e sem beijo de esquimó antes de dormir. Você não escuta o silêncio como eu escuto, e parece que nunca vai escutar. São muitos quilômetros de distância para uma despedida informal que diz que a gente nunca mais vai ser a gente. E você mal sabe quantas memórias ficaram do lado de dentro da porta quando você partiu.

TEMPO DEMAIS

**“When I lose control and
the veil’s overused
Blame it on me
What you waiting for?”**

(Blame It on Me – George Ezra)

Quando você se acostuma a não ter mais a mesma companhia fixa nas noites úteis, nos feriados prolongados, nos cinemas e teatros do fim de semana, no treino especial da academia, você começa a perceber que tem mais tempo. Talvez tempo demais para uma pessoa que tinha programas e atividades muito bem encaixadas na agenda lotada que é a loucura de viver nos dias de hoje.

Quando sobra tempo, o que você faz? Você aproveita para ler os novos livros que comprou, quer assistir às cinco peças que estrearam, quer jantar nos treze restaurantes premiados, quer correr duas maratonas na mesma semana, quer treinar todos os dias e fazer aulas que não fazia antes, quer abraçar o mundo com as pernas porque agora você tem tempo.

Você tem tanto tempo que não quer ficar parado nem sozinho, não quer ter de encarar a parede do quarto e o fundo da sua memória, não quer dar brechas para que ócio se torne oficina do diabo. E seus demônios estão doidos pra que isso aconteça. Então você se enrola até o pescoço numa tentativa de não dar espaço para nenhum “daqueles” pensamentos. É. Aqueles pensamentos que você está evitando ter quando toma remédios pra dormir mais rápido. Quando coloca o despertador para as seis da manhã mesmo não precisando. Quando se entope de atividades para manter a cabeça ocupada. Quando ganha uma promoção por esforço que ninguém esperava.

Tempo demais é um problema pra gente que se acostumou a ter tempo pra outra pessoa. Parece um tremendo nó na cabeça da gente: o que fazer com o tempo do outro que não existe mais, pelo menos não dentro da nossa realidade? Como é que a gente preenche as horas vagas de alguém sem ter mais essa pessoa? Como é que a gente se preenche?

Nós damos um jeito. Nós arrumamos o que fazer. Nós criamos novas amizades para acampar no feriado. Nós pedimos mais trabalho para deixar a cabeça focada em tabelas e planilhas do Excel. Nós dormimos cedo e acordamos mais cedo ainda para que a qualidade do sono não revele pesadelos reais que não gostaríamos de ter. Nós damos um jeito de evitar a nossa companhia sozinha, porque ela só vai fazer questão de mostrar como estamos fugindo do fato de

que ainda não conseguimos lidar com o tempo. E por mais coisas que a gente faça, por mais relógios que a gente use, por mais fusos que a gente passe, ele vai continuar andando devagar, de forma lenta, como se já fizesse séculos que desaprendemos a sentir a falta de alguém.

20

COM ELE

**“And it’s not what I asked for
Sometimes life just slips
in through back door
And carves out the person.”**

(She Used To Be Mine – Sara Bareilles)

Você tá feliz?

Sim.

Silêncio.

Oi?

Tem certeza?

Absoluta. E você?

Eu tô fingindo que tô bem, eu tô fingindo que nada aconteceu, mas feliz? Jamais.

Jamais é tempo demais.

E quanto tempo dura?

Quanto tempo a gente durou?

O tempo de eu sentir isso tudo, de sentir como se uma adaga atravessasse o meu peito e ninguém visse. Como se eu tivesse acabado de ser atacado por um urso na floresta e ninguém por perto tivesse prestado socorro. Como se eu fosse invisível.

Toda dor é invisível e só importa pra quem a sente.

Você não se importa?

Com você?

Não, com esse amor que a gente teve.

Sinceramente? Eu não entendo o porquê disso tudo. Digo, até entendo que você esteja magoado, até entendo que tenha te machucado, mas não é como se a gente se conhecesse há anos, como se a gente vivesse junto e compartilhasse mais que algumas horas e alguns jantares e algumas coisas que não eram tanta coisa assim.

Eu não te conheço há anos, mas tenho certeza de que te conheço de outras vidas.

Exagero teu.

Exagero.

O tempo todo. Sempre foi assim.

Então você lembra?

Lembro que foram três jantares e duas garrafas de vinho. Que na terceira eu percebi o que a gente era e vi que não daria conta. Que te pedi desculpas olhando pra você enquanto tocavam um piano no seu prédio. Que eu medi a distância da sua cama pra minha camisa em cima da cadeira, mas não conseguia levantar pra pegar. Que eu vi quando você pendurou a sua no cabide pra não amassar ou sujar porque era branca. Que...

O que aconteceu com a terceira garrafa de vinho?

Nós não abrimos.

Abri sim. E bebi do gargalo. E joguei o cabide pela janela. E me vesti pra sentir teu cheiro. E sujei a minha camisa branca. E dancei a noite inteira. E chorei ao som do piano. E deixei a luz do quarto acesa porque eu tenho medo do escuro. E porque eu não sabia mais dormir sozinho.

Exagero.

Você nunca vai entender isso com nenhuma outra pessoa que não seja eu. Você não vai entender o que é o seu corpo se reconhecer no peito de alguém, como se você nunca tivesse deixado de pertencer àquele lugar. Você não vai entender o que é se deparar com alguém pela primeira vez e reconhecer que era tudo o que você precisava, tudo o que você sonhou secretamente por uma vida inteira. Você não vai entender o que é deitar na cama e suspirar involuntariamente olhando pra quem você não escolheu, porque isso não se escolhe, porque se eu pudesse escolher nunca seria você, nunca seria esse momento, eu nunca passaria por isso, mas, droga, isso não se escolhe. E você nunca vai entender nada disso.

Por que não? Por que eu não te amei?

Não. Porque você dificilmente vai amar alguém melhor que eu.

Você tá sendo emotivo e exagerado.

Exagero.

Eu tô feliz, sabe? Com ele, eu não tenho um monte de dúvidas e um monte de problemas pra pensar e um monte de travas e um monte de monte de coisas que me deixavam morrendo de medo. Com ele, eu sei como vão ser meus dias e minhas noites e como meu corpo vai obedecer às ordens que eu dou, como não serei deliberadamente voluntário. Com ele, eu sei como vai ser na chuva, no frio, debaixo do cobertor. Com ele, não me apavoro, não morro de medo de dizer o que eu sinto.

Porque você não sente.

Como?

Com ele, você não vai precisar sentir frio nem calor, porque ele não mexe no seu termômetro. Com ele, você vai poder pensar duas vezes antes de dizer alguma coisa e não vai morrer de medo de disparar meias verdades, porque você não tem medo de feri-lo. Com ele, você vai poder mudar a ordem e as posições e os beijos e os abraços e o seu cheiro e o perfume dele sem se sentir incomodado, porque ele não te marca. Com ele, você não vai a lugar algum, porque ele não te move.

Silêncio.

Oi?

Você tem razão. Eu nunca vou entender isso com outra pessoa.

Eu te disse.

E tem mais alguma coisa que você precise me dizer?

Tem alguma coisa que você precise me dizer?

Tem. Toda dor é invisível e só importa pra quem a sente. Nem sempre, quase nunca, vale a pena compartilhar essa dor. E prefiro sentir isso sozinho.

E eu?

E você?

Não te importo?

Não. Me importa.

O que a gente faz com isso agora?

Não faz. Simples assim. Não dá pra voltar atrás.

Exagero.

Boa noite.

Calma, deixa eu te perguntar uma última coisa.

Você já fez perguntas demais hoje.

Exagero.

Mas diz, o que você quer saber?

Você tá mesmo feliz?

SOBRE O MEDO DE SOFRER DE NOVO

**“Every sentiment hangs around
No longer than a minute or two.”**

(Rabbit – Matt Duke)

Desde que mudei pra São Paulo, tive o azar de sofrer dois assaltos em menos de seis meses. O primeiro foi pertinho de casa, em uma avenida bastante movimentada, enquanto falava ao telefone. Não vi de onde vinha, não sei quão rápido aconteceu, só senti uma mão puxando meu celular e correndo numa bicicleta para o lado oposto ao qual andava. No segundo, senti uma puxada de um cara numa moto e lá se foi meu segundo aparelho.

Passados os sustos, percebi que tinha adotado uma postura diferente nas ruas. Andava com mais cuidado, segurava o novo celular com as duas mãos. Digitava algo de dentro de lugares cobertos e aparentemente seguros. Tremia toda vez que alguma moto ou bicicleta se aproximava de mim. Não foi muito diferente depois de alguns termos.

Quando algo acontece e assusta a gente, principalmente quando é recorrente, nós acionamos alguns sistemas de defesa que podem beirar o exagero. Defendemos com unhas e dentes nossos bens, nosso corpo e nossa mente fragilizados pelos episódios do passado. Criamos desconfianças mais severas, evitamos repetir os mesmos erros, por mais que eles não tenham sido nossos. É uma forma de a gente tentar garantir que não vai acontecer de novo.

Quando temos nosso coração quebrado, costumamos agir da mesma maneira. Seguramos o peito com as duas mãos, com medo de que alguém nos roube mais uma vez. Andamos desconfiados e defensivos em encontros, novos relacionamentos e até no sexo casual. Tudo é motivo para sobressalto. Se enxergamos pessoas parecidas com aquelas que nos machucaram, tentamos fugir desesperadamente, mesmo que elas sejam inofensivas. E não é culpa dessas pessoas que fuçamos. É só a nossa maneira de proteger nossa alma machucada e cansada de sofrer com traumas passados.

Fugimos cada vez mais de bicicletas e motos, mesmo que a intenção de seus condutores seja a melhor possível. Mesmo que venham para nos dar carona. Mesmo que se disponham a nos levar a lugares que curem um pouco esse medo de andar por aí desprotegidos. Talvez eles não entendam de cara essa preocupação em andar com as mãos pra fora dos bolsos, essa coisa de andar com o coração à mostra para que alguém cuide dele. Talvez nem a gente saiba quando esbarra com uma pessoa que se esconde nas sombras por medo de andar à luz do sol de novo.

De vez em quando, seremos essas pessoas que deixam pessoas ótimas irem embora porque

alguém feriu a gente. Porque alguém quebrou a gente um tempo atrás. Não é culpa de ninguém, só não era o momento certo, só não estávamos curados. E o mesmo vale para as pessoas que nós encontramos por aí e que acabam não conseguindo ceder um espaço do lado de dentro. É só um bando de gente tendo muito mais cuidado e andando com medo de passar por algo que ninguém desejaria passar de novo.

QUERIDO EX-AMOR

**“Pois sem você meu mundo é diferente.
Minha alegria é triste.”**

(As Canções que Você Fez pra Mim – Maria Bethânia)

são nove horas da noite. em ponto. a ironia nisso é que eu não sei ser pontual, mas o cachorro da vizinha de cima resolveu latir logo agora e eu tive de levantar pra pegar dipirona. aproveitei pra te escrever. aproveitei pra dar uma olhada na sacada aqui de casa pra ver se o teu carro tava chegando e eu ainda não tava pronto. aproveitei pra sentir um pouco mais de falta.

quando a gente deixa alguém que ama ir embora, tudo o que sobra é desconforto. uns dizem que é como se abrisse um buraco no peito, uma angústia determinada a bater e bater e bater. não senti isso. senti fogo, o peito rasgando em brasa, uma ferroadinha estranha e muita tontura. fiquei tonto do primeiro dia até agora, tentando restabelecer a vida sem você. é claro que eu já existia antes, mas e depois? como é que a gente faz pra lembrar de como era antes?

bethânia diz numa melodia tristonha que sem você o mundo é diferente. eu concordo com ela, a minha alegria é triste. é pouco caricata. é um negócio louco de sorrir e deixar cair umas lágrimas, um negócio louco de ligar e implicar com você, arrumar briga e confusão, te ouvir xingando do outro lado e desligando na minha cara, tudo isso pra sentir alguma coisa. passo raiva, mas não passo em branco.

lembra da gente deitado no sofá mudando de canal como se não importasse a programação, bebendo vinho como se não importasse se era tinto ou branco, trocando palavras como se não importasse o assunto? no fim, nem importava. importava teu pé gelado no meu, importava a tua inquietude remexendo doze vezes por minuto na posição do meu quadril, importava o jeito como a gente saía dali pra cama, já quase sem roupa e sem precisar acender a luz. no fim, acho que o que importa é como a gente conhece tão bem alguém que lê o corpo todo em braille. é tato demais, é olfato demais, é paladar demais e quase não sobra vista.

eu refaço os caminhos, refaço de um jeito diferente, me forçando a perder o hábito de viver com você. forço o meu corpo a entender que a cama não é grande demais, que o café da manhã não vai ficar pronto sozinho, que eu não vou mais acordar com o barulho do chuveiro. forço a entender álgebra sem você pra me ensinar, forço a cozinhar um risoto sem você pra dar o ponto, forço a escolher um filme mesmo sendo de libra. me forço a aprender tudo. mas amor, como é que é isso de sentir saudades? você não me ensinou.

são nove horas e dez minutos, e é assim que eu sinto: o tempo não passa. apesar de parecer

uma eternidade desde que você foi embora, as coisas caminham lentamente quando eu fico sozinho. a música da bethânia não acaba nunca, ressoa na cabeça, fica martelando. “pois sem você meu mundo é diferente, minha alegria é triste.” te escrevo todo dia e nunca envio, acho que escrevo mais pra mim mesmo, pra documentar e deixar bem claro na minha frente o que tem acontecido. te escrevo mais uma vez e o desabafo acaba aqui.

me desculpa, amor?

desculpa por isso e por não ter desgarrado de você. é que eu não descobri ainda como se faz. tenho de reaprender o be-á-bá, tenho de reaprender a escrever e a agir como se você não tivesse acontecido. esqueci tudo, esqueci até as maiúsculas porque eu tenho sido pequenininho, tenho sido um minúsculo coração apertado e compacto nesse peito que parece grande demais pra não caber ninguém.

MINHA PRIMEIRA VEZ

**“You could lose everything
The truth is you never know.”**

(Like I'm Gonna Lose You – Meghan Trainor feat. John Legend)

Depois de um tempo sem você, decidi que não iria me privar de algumas coisas. Eu não precisava me apaixonar de novo pra levar alguém pra casa. Cama e coração não têm relação direta. Tudo bem que eu estive acostumado ao seu corpo por mais tempo do que poderia me lembrar, e mesmo que a gente estivesse enfileirado na linha de produção sexual, mecanizado pela comodidade e pela falta de vontade em dar prazer pro outro, eu ainda te amava.

Conhecia cada parte do seu corpo, sabia onde colocar as mãos e para onde ir. Sabia como roçar a barba nas suas costas e como você seguraria as minhas coxas. Sabia como me guiar pelos seus suspiros, pelos gemidos mais agudos, pela pressão das suas mãos no colchão. Sabia como evitar seguir pela barriga e pela virilha por conta do riso abafado, sabia que não estava bom porque você contraía o abdômen, sabia que segurar a sua cabeça era item essencial pra te deixar confortável pra fora da cama. Sabia tudo, e isso não era chato como pode parecer que seja, não era roteirizado como podem dizer que foi o que matou a gente.

Eu conhecia você.

Depois de um tempo sem você, eu conheci muita gente. Mas parava nos bancos de trás em ruas vazias, no máximo abria a braguilha da calça para brincar um pouco. Eu não estava preparado. Não tava preparado para mexer em outro corpo com a luz acesa, não tava preparado para conhecer outro território. Não era só sexo por sexo, era admitir que dali pra frente tudo seria desconhecido.

Talvez ela não gostasse dos meus toques, talvez não quisesse deitar no meu peito. Talvez eu me recolhesse com medo dos dentes, talvez não houvesse gemidos. Talvez a minha cama não aguentasse a gente, talvez eu a machucasse. Talvez a gente não desse certo e eu me sentiria perdido passeando com os dedos pelas costas dela, talvez ela nunca mais voltasse. Talvez eu percebesse que não era mais você no meio da cama, e sabe como isso me desnorteia? É estranho pra caramba não reconhecer mais o seu corpo.

Eu tenho a sensação de que a minha primeira vez depois de você foi um daqueles momentos que provam algo pra gente. Eu tinha de provar que conseguiria, mas eu queria conseguir? Eu tinha um medo do caramba de gostar demais de outro corpo, de gostar de menos. Qualquer coisa que acontecesse mudaria o futuro. Qualquer coisa que acontecesse me traria para mais perto ou

mais longe de você, atando ou desatando nós que a gente jurou nunca deixar de lado desde a nossa primeira vez. Mas aconteceu.

Aconteceu ontem saindo de um jantar. Aconteceu com um convite para terminar o vinho lá em casa. Aconteceu na cama em que você deitava, com lençóis que você não conheceu. Aconteceu de luz acesa, e só eu sei tudo o que se passou na minha cabeça. Aconteceu que eu não parava de pensar em você, e por mais que já fizesse tempo, eu ainda achava que seria igualzinho, mesmo ela não tendo as suas pintas nas costas. Aconteceu que não foi melhor ou pior, foi outra pessoa, não era mais você. Aconteceu.

E percebi que eu não era um monstro por estar conhecendo outras pessoas. Que faz parte daquele lema de seguir em frente. Que não foi tão difícil quanto eu imaginava e que eu não tava traindo memória nenhuma que a gente teve na vida. Que eu me cobrava demais, pensava demais, achava demais que devia dar alguma satisfação ao passado. Que eu carregava essa espécie de culpa por estar te esquecendo.

Acho que a maioria das pessoas passa pela prova de fogo de conhecer outros corpos depois de ficar atracado a um mesmo porto seguro por muito tempo. Pode ser estranho, pode demorar, pode ser um misto de culpa e alívio sem precedentes. E é tão bom quando percebo que pode acontecer e que dali pra frente vai ser mais fácil ter novas primeiras vezes sem que aquilo me mate por dentro. Sem que aquilo me ligue para sempre a você.

24

PONTE AÉREA

**“Wherever you go
Wherever you are
I watch your pretty life play
out in pictures from far.”**

(In Your Atmosphere – John Mayer)

Uma das sensações mais estranhas foi voltar para casa. Até porque, dessa vez, casa tinha uma conotação diferente pra mim. Casa sempre foi nosso sinônimo para lar, que porventura era qualquer lugar onde o outro estivesse. Mudamos de casa ao longo de muitos anos, fomos abrigo em tantos lugares do mapa que já perdi a conta de quantos aviões peguei para te visitar. Mas, dessa vez, volto à estaca zero.

Casa agora é o apartamento que eu tinha antes da gente. Fica aqui do lado de onde a gente decidiu que não dava mais certo, que era melhor romper antes que transformássemos tudo numa grande novela mexicana e rasgássemos os cartões-postais. Decidi que eu deveria sair de casa porque era mais justo, eu tinha menos medo de avião e meus pais moravam mais perto da outra cidade. E foi assim que eu fiz meu primeiro *check-in* sem ter você envolvido nisso.

Quando a gente preenche uma ficha de compra, eles sempre pedem um nome e um número de emergência, e apesar de todos esses anos eu ter certeza de quem seria, dessa vez a cabeça deu *tilt*. Misturei tudo aqui dentro. Já não bastasse o baque, eu também teria de reaprender a preencher fichas de aviões e consultar novos contatos de emergência? Não deu, coloquei o número do meu pai. Coloquei com um peso tão grande que quase paguei o excesso de bagagem por levar saudade.

Arremetemos. Você e eu, o avião chegou em paz. Arremeter é quando o avião tenta pousar e não consegue, daí ele tem que levantar voo às pressas para manter todo mundo em segurança, o que significa que talvez ele não consiga voltar para a pista de destino e tenha de voar para outro aeroporto. Foi exatamente o que aconteceu: arremetemos. Não era seguro pousar em casa mais uma vez, tivemos de dar um jeito de nos manter seguros. Fizemos tudo o que podíamos, escolhemos a melhor das saídas. O que não torna as coisas menos tristes.

Descer de um avião e não te encontrar faz as coisas terem um gosto diferente. Tudo parece distante, tudo o que eu aprendi a viver parece se dissolver um pouco sob os meus pés. Lembro como você amava voar com a cabeça no meu ombro em voos longos sem escalas, lembro como fazia sentido descer em algum lugar para chegar até você. Lembro de um monte de coisas e

parece que o mundo virou um amontoado de lembranças penduradas balançando com o vento enquanto passo por velhos lugares conhecidos. Até quando fica essa sensação de lembrar de você em tudo quanto é canto, até mesmo nas nuvens?

“Você sempre pode pegar um avião pra me ver”, você disse. Só que agora não tem destino certo, é como se eu tivesse de criar uma nova rotina, cheia de modos de fazer coisas que não são a maneira certa. Uma vez me disseram que a pior parte de perder alguém é ter a certeza de que a pessoa vai continuar ali, no mesmo lugar em que a deixamos, só que nós nunca mais vamos encontrá-la. Pelo menos não da mesma maneira. Complemento isso enquanto escuto a última chamada de nomes do comissário: talvez a pior parte de perder alguém seja ir embora de um lugar que você nunca quis deixar.

ESPERANÇA É A TORTURA QUE MAIS DÓI

**“E quando chega a noite e eu não
consigo dormir**

**Meu coração acelera e eu
sozinha aqui.”**

(A Noite – Tiê)

Meu labrador morreu no ano passado, e posso dizer com convicção que foi uma das perdas mais lastimáveis da minha vida. O tanto de dificuldade que tenho para criar laços com seres humanos, tenho de facilidade para lidar com animais. E foi assim com ele: amor à primeira vista, cultivado com os dias mal dormidos (e mordidos) de filhote à vida adulta.

Ele me acompanhou em muitas fases, algumas difíceis e dolorosas. Quando você deixou de vir em casa, ele ainda estava lá. Ainda ficava na porta imaginando quando ouviria a tua voz no corredor, o farfalhar das chaves na mão, o afago na cabeça antes de entrar na cozinha. Quando veria de novo a tua silhueta nua correndo no escuro para chegar logo ao banheiro e fugir dele, tua raiva em ser acordado com saliva canina na cara, teu medo de ser flagrado por ele enquanto a gente transava.

Ele, assim como eu, não percebeu nada. Continuava te esperando na porta todos os dias no mesmo horário. Passeava um pouco pela casa, me pedia pra descer duas vezes por dia, corria no parque aos fins de semana, mas alguma coisa tava faltando ali. Como é que a gente explica prum cachorro que você não iria voltar? Não sei, não consegui explicar nem pra mim.

Tentei explicar de maneiras práticas pra nós dois, já que nenhum argumento racional funcionaria. Nos parecíamos demais nesse quesito, eu e o labrador: ambos sentíamos falta de você e nada parecia fazer sentido depois disso. Lembrei que me contaram numa palestra da faculdade, em 2012, sobre como a tortura era um dos métodos mais eficazes de terror psicológico e físico na época da ditadura. Eles maltratavam e depois deixavam os reféns vivos com uma fresta aberta na cela, com a visão descoberta, com o peito esperançoso. Torturar alguém é dizer à pessoa que uma hora aquilo acaba e ela volta pra casa. É dar a esperança do retorno. Esperança era exatamente o que me matava aos poucos. E desisti de qualquer argumentação sobre a sua ausência.

De tempos em tempos, percebia que a frequência da espera dele diminuía. As idas e vindas à porta já não eram tão longas, os ganidos de decepção eram trocados por uma temporada de sono na cama dele. Enquanto isso, eu mantinha costumes estranhos. Deixava a televisão num volume

baixo, mal conseguia entender os programas, só para ficar atenta ao elevador parando no sétimo andar. Deixava comida suficiente na geladeira para alimentar duas bocas, para inventar um jantar surpresa do nada, para acompanhar algum dos uísques esquecidos na prateleira. Eu ainda acreditava na volta do amor.

Depois que o cachorro também foi embora, depois de já ter admitido o óbvio, eu continuava sozinha esperando na porta, ou sentada no sofá da sala, ou de olho na cozinha. Vibrava a cada chegada de elevador no andar, espiava pelo olho mágico se eram os vizinhos ou se era você. Eu era a única que continuava se afogando, tomando choques, levando socos e pontapés numa tortura psicológica que ninguém gostaria de sentir no inverno.

CONSELHOS PARA QUEM QUER SER O SOLTEIRO PERFEITO

**“I see you looking at me
And now I don’t know
who to believe.”**

(The Trouble With Us – Chet Faker feat. Marcus Marr)

Pare de reclamar da vida. Volte para a academia. Corra todos os dias. Mostre que você não é sedentário. Arrume-se melhor para ir ao trabalho. Faça tratamentos para a pele. Compre botas novas. Compre livros novos. Vá mais a bares. Vá mais a baladas. Viaje mais sozinho. Sorria mais para as pessoas. Use perfumes importados. Deixe seu cheiro por aí. Puxe assunto com gente estranha. Não esqueça de ser gentil com os garçons. Convide pessoas para jantar. Aprenda a cozinhar. Aprenda a escolher vinhos. Aprenda a trocar pneu. Leia poemas. Ouça Caetano. Ouça Iorc. Ouça indie pop e pop rock. Estude japonês. Estude francês. Vá ao México. Vá a um país diferente. Coma menos gordura. Coma mais legumes. Faça um prato colorido. Declame poemas na estrada. Pegue um solzinho. Encontre novos amigos. Saia com gente diferente. Abra a sua casa. Compre plantas. Crie uma horta. Escreva um livro. Impressiona os outros com seu bom humor. Não leia autoajuda. Leia autoajuda. Passe na banca de jornais. Vá de bicicleta para o trabalho. Faça trabalho voluntário. Ajude a salvar o planeta. Cuide dos filhos da vizinha. Não coma mais açúcar. Não consuma glúten nem lactose. Procure um médico. Faça exames regulares. Pare de fumar. Fume mais. Vá para a área de fumantes, as pessoas mais interessantes estão lá. Fale pouco. Fale pelos cotovelos. Seja coerente. Seja misterioso. Destile charme. Beba destilados. Beba cervejas importadas. Deixe suas redes sociais mais atraentes. Não veja televisão, isso te deixa mais burro. Veja televisão, você precisa de cultura geral. Conheça as Kardashians. Despreze as Kardashians. Seja revolucionário. Não se envolva em brigas. Defenda seus ideais. Mostre quem você é. Mostre que você se interessa por ópera, mesmo que não se interesse. Conserte essa coluna. Ande ereto. Descanse um pouco a postura. Compre um terno. Compre bermudas. Visite o Havaí. Visite Nova York. Nade com golfinhos. Defenda os animais. Ore. Não acredite muito em Deus. Procure ajuda no budismo. Procure ajuda na análise. Tome café quente toda manhã. Cuidado com a gastrite. Diga o que sente. Não seja tão direto, vai assustar as pessoas. Faça assim, faça assado. Apaixone-se. E comece tudo de novo.

PODE PULAR O CAFÉ DA MANHÃ

**“My human heart won’t mend itself
When my own two hands are ripping
out the seams
Oh, it seems I’m my own worst enemy
I’m doing it to myself.”**
(*Lost* – Liza Anne)

Acabou de sair mais um daqui. Tenho de lavar os lençóis porque dessa vez manchou tudo, nem dá pra disfarçar e dormir por cima sem banho. Tá aquele cheiro forte de gozo no quarto, sabe? Nem abrindo as janelas esse cheiro vai embora de mim. Tô marcado, tem uns dois roxos na perna, ele fumou o último cigarro e comentou o nome, não lembro. O celular descarregou quando eu disse meu endereço.

Não foi o que me mandaram fazer? Te esquecer? Eu tô fazendo. Tô te esquecendo e me escrevendo em outros, neles, aqueles lá que não têm nome. Até têm, mas não lembro, não guardo na agenda, minha lista de contatos é um emaranhado de números sem dono e DDDs que só foram discados uma vez. Eu não reconheceria nenhuma ligação daquelas feitas entre dez da noite e cinco da manhã, talvez nem reconhecesse a cara de um deles na rua.

Quando eu contei pro meu melhor amigo, ele disse que era bobagem essa coisa de rasgar a pele com gente que não cabia nela, mas a gente não faz isso? Digo, os homens não inventaram essa coisa de ser ocasional, de suor e saliva, de subir na portaria e dizer que vai pro 72 e conferir o celular antes de dizer meu nome pro porteiro não estranhar? Pois bem, agora faço o mesmo. Tem dias em que é ótimo, eu não quero ouvir marmanjo fazendo mimimi do dia cheio. Tem dias em que tudo sai errado, saio descabelado e sem dizer um pio, mas o filho da mãe não percebe, vocês nunca percebem quando eu tô completamente oco, vazio. Não tem prazer, não tem nada. Sou só um corpo estendido na cama quando não queria estar ali.

Eu odeio quando me pedem pra ficar pro café da manhã. A luz acesa, o papo furado que vai dar em duas ou três trepadas, a esperança de fazer alguma coisa florear depois das camisinhas jogadas no vaso. Não vai florear nada, cara. Desculpa te dizer isso, mas você não é ele, você tá sendo usado pra me ajudar a esquecer-lo. O máximo que vai acontecer é você virar texto, eu sei que é cruel, mas é assim que a gente faz, não é? Alguém nos machuca e a gente se remenda. Em seguida, nós machucamos alguém. Por aí vai, até todo mundo ter curativos escondidos debaixo da roupa. Não é por mal, só tô fazendo o que preciso fazer, não me peçam pra ficar pro café que

só piora.

Mas não foi o que você me mandou fazer? Te esquecer? Eu tô fazendo. Tô te esquecendo e trocando a roupa de cama duas vezes por semana. Te esquecendo e comprando uma cartela de Engov pra cada combinação de sexta, sábado e domingo. Te esquecendo e dando bom-dia pro seu Antônio, seu Camilo, seu Inácio e um tanto de caras que interfonam lá pra cima pra me mandar subir. Eu sei o nome dos porteiros, mas eles não sabem o meu. Sou só mais um homem verificando no telefone o nome de um cara antes de subir. Sou só mais um que vai lá de vez em quando, devo ser o único que volta porque nunca tem a intenção de ficar, então posso voltar sem problema. Não daria pra voltar se eu amasse algum deles. Não daria se algum deles fosse você.

28

TRÊS DA MANHÃ

**“Hey, do you remember me?
I’m the one that broke your heart.”**
(When We Were Young – The Sweet Remains)

Oi. Sou eu. Tá tudo bem?

Tudo bem. Não esperava...

Você nunca espera.

Não, não espero. Espero nada.

De mim?

Da vida. Dos outros. De tudo o que tem por aí. Espero nada.

Pois deveria.

Por quê? Algum motivo especial que te faça crer nisso?

Eu espero.

(...)

Espero que você me perdoe.

Espero que você se foda.

Calma.

Eu tô calmo. Calmíssimo. Só não me pede algo que não dá pra eu te dar.

Eu sei que um dia a gente vai se dar muito bem.

Não, não sabe. Você não sabe de nada. Você nem se dá conta de como essa previsão é velha.

Velha?

Uhum.

Conta mais.

Não tá na cara? A gente já se deu bem pra caramba, já se amou pra caramba, já gastou todo o estoque de gasolina que a gente tinha pra rodar com o carro. De repente, acabou o combustível e a gente parou. Não tem mais nada lá na frente, só estrada.

E a gente não pode caminhar junto por ela?

Não. Não pode. Você pegou carona, me deixou sozinho na merda daquele carro esperando o guincho. Me deixou sozinho achando que eu conseguia reparar tudo sozinho. Me deixou sozinho no meio de uma rua deserta sem nem se preocupar comigo. E agora você pede pra andar do meu lado?

Sempre há tempo pra conservar o lado bom das coisas.

Você deveria ter pensado nisso há algum tempo, quando resolveu jogar o lado bom das coisas na privada de um banheiro imundo de um barzinho qualquer.

Drama puro.

Sim, é drama. É drama porque não é você quem sente. É drama porque é fácil demais me jogar meia dúzia de desculpas e deixar minha chave na portaria. É drama porque é moleza cortar os laços, apagar as fotos que a gente tirou junto, cancelar a viagem de fim de ano, dizer que foi erro nosso, que a gente nunca deveria ter tentado. É drama porque quem teve de gastar o dobro da receita mensal com analista fui eu, quem teve de ligar chorando pra algum amigo às três da manhã fui eu, quem teve de evitar te ver com algum conhecido em festa fui eu porque você não fez questão nenhuma de entender que essa porcaria dói pra cacete. Pode não ter doído pra você, mas dói em mim.

Você ainda me ama?

Não amo.

Então por que o drama?

Você nunca vai entender, não é? Nunca vai sair do seu mundinho fechado em close no umbigo para enxergar que existem pessoas lá fora. Não é questão de amar ou não amar, é questão de tentar lidar com o estrago que você fez em mim. É cuidar de mim, cuidar dessa coisa que me machuca diariamente, mesmo não tendo você aqui. Você já foi, já era. Quem ficou fui eu.

Hmm, entendo. É uma pena.

É uma pena. Mas você não vale a pena.

Desculpa.

Não desculpo. Não tenho por que desculpar. Nem entendi por que você me ligou.

Liguei porque...

Deixa eu adivinhar. Ligou porque o rolo novo deu pra trás. Ligou porque quebrou a cara. Ligou porque a sua mãe disse que você não vai achar ninguém melhor que eu. Ligou porque bateu saudades. Ligou porque cansou de punheta. Ligou porque viu a cagada que fez e não sabe lidar com o fato de ter errado.

(...)

Eu sei. Sempre soube. Você é assim.

Eu mudei.

Não mudou. Ninguém muda sem reconhecer o erro. Ninguém muda sem sentir que errou. E tem gente que nunca muda, muda nada.

E o que você espera que eu diga?

Nada. De verdade? Nada. Eu só espero que você entenda que o teu tempo já foi, agora sou eu comigo mesmo. Só preciso exorcizar o que você deixou pra mim, eu não preciso de você. Na verdade, você é a última coisa de que eu preciso agora. Então só espero que você não me diga mais nada, nunca mais. É um favor que você faz pra nós dois.

E como eu faço para te esquecer?

Tu... Tu... Tu...

ÀS VEZES, IR EMBORA É A MELHOR DECISÃO

**“Since u been gone
I can breathe for the first time
I’m so moving on.”**

(Since U Been Gone – Kelly Clarkson)

Quando terminei meu último namoro, ouvi de alguns amigos que eu estava cometendo o maior erro da minha vida. Ouvi deles que ninguém seria como ele e que eu deveria aprender a lidar com essa verdade no futuro. Escutei que meus motivos eram bobos e que eu estava jogando uma chance de ser feliz no lixo. E passei o fim de semana trancado em casa lidando com a minha dor.

Tempos depois, tentei entender a falta de compaixão dos outros e a necessidade de se ter motivos supostamente plausíveis não só para você, mas para as pessoas de fora da relação. Eu tinha acabado de terminar o namoro com alguém que eu amava e isso não me machucava menos. As pessoas de fora não tinham a minha vivência, não entendiam como me sentia, mas julgavam que eu estava bem por ter sido a parte que rompeu o trato.

Quem é deixado sempre recebe piedade, ao passo que a pessoa que deixa é pregada no convívio social entre amigos. Não que eu devesse explicações a alguém que não fosse a pessoa com quem terminei, mas havia uma repressão grande. Não houve traição, ninguém pisou na bola, foi o desgaste, eu não estava mais feliz. “É que você não tenta”, “Ninguém vai ser igual a ele”, “Você tá perdendo a melhor pessoa da sua vida”, “Olha a besteira, dá tempo de voltar”. Será que ninguém poderia respeitar a minha decisão?

Quando você é a pessoa que termina, tudo parece indicar que você precisa de um bom motivo para não ser o vilão da história, se isso ainda for possível. Você é colocado numa perspectiva distante de quem não participava das conversas entre quatro paredes, de quem não viveu o relacionamento como você. Seus motivos e justificativas devem passar por um tribunal que acolhe a dor do outro e condena a sua, porque ela aparentemente não existe. Quem termina não sente nada, não é?

Deixe-me dizer uma coisa: dói. E dói mais ainda ter de lidar com esse momento tão íntimo e ainda enfrentar a validação alheia que não deveria existir aqui, por mais bem-intencionada que ela possa ser. O olhar de quem está de fora pode fazer parecer que você fez a pior escolha da sua vida, mas só você sabe os motivos que te levaram a fazer isso. Só a gente sabe o que a gente sente, ninguém pode se colocar no nosso lugar.

Vi uma amiga sofrendo a mesma grande perseguição recentemente. Presenciei pessoas apontando o dedo para ela e dizendo que ela estava escolhendo demais, que ela iria se arrepender etc. Não teria ela o direito de perseguir a felicidade da maneira que achar melhor? Não teria ela o direito de se arrepender das decisões que tomou? Não teria ela a única e exclusiva responsabilidade com seus sentimentos e os sentimentos do outro, sem que ninguém de fora tivesse alguma intromissão nisso? Pois bem, a resposta é sim.

Minha amiga hoje passa por uma caça às bruxas digna de filmes dramáticos. Eu também passei por boa parte dela, até que decidi me impor e não deixar que ninguém se intrometesse na minha dor. Isso tudo é culpa dessa visão polarizada que nós temos depois de um fim, tentando enquadrar pessoas em posições de vilões e mocinhos quando não existem papéis definidos (e definitivos) na história.

Nossas escolhas não devem ser baseadas em como a outra pessoa parece ser nem em como nossos amigos a enxergam. Não importa quão incrível ela seja, quão refinada ela pareça, quão carinhosa e legal ela demonstra ser. O que importa é o que ela nos faz sentir, como vivemos ao lado dela. Às vezes, a melhor pessoa do mundo não é a sua melhor pessoa do mundo, e você tem de ter coragem de admitir isso e partir. Às vezes, você ama tanto alguém que uma parte de você é quebrada ao perceber que você vai quebrar o coração do outro, mas você precisa seguir porque não é feliz. Amor e felicidade não estão intrinsecamente ligados, assim como as aparências e o modo de as pessoas se portarem não garantem como você se sentirá.

Quando você decidir partir, por mais que digam que foi a sua pior escolha, por mais que coloquem o outro num pedestal e isso te machuque, tenha duas coisas em mente: a primeira é que o outro não vai deixar de ser incrível, bacana, legal, bom de cama ou qualquer que seja a qualidade atribuída a ele, e você não precisa se prender a ele porque, independentemente de como ele seja, o importante é que você se sinta feliz; a segunda é que ninguém, absolutamente ninguém, pode entender o que se passa aí dentro. Ninguém vai carregar a sua cruz. E você tem todo o direito de renunciar ao que quiser em prol da busca por algo que te faça verdadeiramente feliz.

PRO CASO DE VOCÊ VOLTAR

**“In case you don’t find what
you’re looking for
In case you’re missing what
you had before.”**

(In Case – Demi Lovato)

Tô me deixando um pouco nos lençóis, nem abro mais as janelas pra isso. Deixo o quarto voltar algumas estações pra quando era verão. Crio uma pequena sauna pra suar aos montes, molhar tudo com isso que eu sinto aqui dentro, misturar o teu perfume preferido com meu corpo e deixar a cama bagunçada como você se lembra.

Desarrumo a cabeceira e jogo meus desodorantes e cremes pros pés lá em cima. Despedaço algodões, largo almofadas na cadeira do computador. Mudo os painéis de parede, deixo uma porta do guarda-roupa aberta. Tiro um ou dois livros da estante para te fazer falta, jogo dentro da mochila. Nunca vou lê-los, mas quero que você sinta falta.

Corro pra molhar as calcinhas que estão secas e penduro o biquíni no registro do chuveiro. Deixo umas pontas de lápis na pia, abro uma escova nova igualzinha à sua e coloco dentro da caneca. Sorrio. Minha escova também sente sua falta. Será que dá tempo de ir no mercado comprar umas coisas pra você preparar o jantar? Quase não me lembro mais da lista de compras, quase não me lembro mais de como era com você.

Mudo os canais da TV, zapeando pra tentar encontrar o show dos Stones que eu deixei gravado. Só tem metade dele, mas não importa, ele para no momento exato em que você saiu. Dá pra continuar daí, sempre dá pra continuar de onde parou como se nada tivesse mudado, não dá? Diz pra mim que dá.

Diz que é tudo feito *pause*, que recomeçar é uma questão de ponto de vista. Que é só deixar as coisas de casa no mesmo lugar que elas tavam, não tem mais que isso pra fazer. Até tem. Tem você voltando e tocando a campainha – porque você não tem mais as chaves. Eu tenho uma cópia guardadinha na minha caixa de lembranças debaixo da cama, te dou. Você volta a entrar pela porta da frente e volta a fazer o jantar às sextas. Você volta a se deitar comigo e eu abro as janelas, te dou um cobertor e tá tudo certo. Você volta a perguntar da cabeceira desarrumada, das minhas roupas jogadas, de como eu sou toda bagunçada e a gente ri disso tudo na frente da televisão. Você volta e eu entendo, tudo bem, que você achou que não era comigo. Você volta e não era ela, mas a gente pode tentar. Você volta e.

Vou deixar tudo do jeito que tava antes pro caso de você me amar de novo.

PELO MEDO DE SER ESQUECIDA

**“I turned around and you were gone
And I’m thinkin of you, can’t stop
thinkin of you.”**

(Old Friend – Angus & Julia Stone)

Por favor, não me esqueça.

Eu sei que é egoísmo meu, mas não tá dando pra fingir que é nada. Sei que eu era meio minha e de mais ninguém. Meio assim, sozinha por natureza. Meio que não gostava de ser só metade com alguém ao lado. Meio que eu joguei fora todas essas convicções malucas quando conheci um tal guri que me levou pra tomar um vinho de frente pra lagoa e me fez brincar de piquenique à meia-noite. Meio que a gente começou alguma coisa com algum blá-blá-blá e acabou abraçado debaixo de um cobertor no apartamento número 77 de algum número esquecido da Vieira Souto. Meio que eu saí por aquela porta alguns anos depois e meio que me lembro de tudo como se fosse hoje.

Daí que a gente vê como o mundo é rápido e a gente só sente isso quando já passou do momento de cair a ficha. Ontem mesmo eu tava andando de bicicleta pela orla pra poder pegar o pôr do sol e parei no Arpoador pra poder ver o dia virar noite com calma. Acendi um cigarro e, puta merda, por que você tinha de ter me esquecido? De todos os meus medos egoístas, o maior sempre foi ser apagada à borracha como se tudo vindo de mim fosse marcado a lápis e pudesse ser facilmente apagado – pelo tempo ou por algum desses amores que a gente acha que são pra sempre. Eu não queria admitir, mas há sempre uma súplica em todos os meus fins de romance. Não precisa devolver os presentes, muito menos se apressar em tirar as coisas lá de casa. Não precisa falar bem de mim pros amigos – até porque eu reconheço a minha parte megera – nem precisa fazer questão de me telefonar aos domingos pra ver se tá tudo bem. Ele só precisa me manter viva e aquecida na memória. Porque sem isso eu viro página virada. Viro uma história qualquer que alguém viveu num dia desses. Viro referência anotada em papel de pão.

Eu tenho horror a referências. Dia desses sentei num bar com umas amigas e uma delas se referia ao antigo namorado como “aquele que não conseguia me fazer gozar e sempre fingia um ataque cardíaco no meio da transa só pra não sair como fracassado”. E imaginei como é que eu estaria sendo chamada agora ou num futuro próximo. “Aquele que”. Que não sabia andar de bicicleta. Que não fumava. Que detestava assistir ao pôr do sol no Arpoador. Nem meu nome teria mais serventia na sua memória? Ah, não, por favor. Não é raiva, nem mesquinharia. É só o

meu direito de não ser esquecida. O meu direito e a minha esperança. Que por mais que tenha se acabado, que você me prolongue na imaginação. Tudo bem se não me tocar ou não esbarrar nunca mais comigo. Mas que não me descarte. Me sentir tão plástica assim me causa náuseas e arrepios que não senti nem quando fiz as primeiras tatuagens. Mas é frustrante você saber que um dia as coisas se apagam. Que um dia o último a sair vai ter de apagar a luz. Só, por favor, não me deixe sozinha no quarto e feche a porta. Nem apague a luz, meu bem.

E deixando um pouco de lado a frustração... A verdade é que dói. Dói levar um pé na bunda, dói ter de devolver todas as coisas a contragosto, dói ter de explicar pros amigos que acabou e dói mais ainda ter de ir à praia sozinha. Dói o vazio do lado de fora – e você pode imaginar como deve doer o do lado de dentro. Dói me lembrar do “velho amigo” e pensar que talvez ele nem se lembre de mim. Dói e dói porque não é justo. Não é justo que só eu carregue as marcas e que chame de passado – mesmo que, só pra mim, esse tal passado esteja bem presente. Não é justo que tudo aquilo a que me refiro se apague da sua cabeça com a mesma facilidade que o meu cigarro se apagou enquanto a noite caía. Não é justo que eu não tenha emprestado as minhas canetinhas e que elas percam a cor mesmo assim. Não é justo que você cruze as pernas num beiral de janela qualquer e dê as mãos pra alguém que não seja eu. Assim. Tão egoísta. Tão de ninguém como eu sempre achei que eu era.

GENTE QUE MEXE COM A GENTE

**“Foi como tentar parar esse trem
Com flores no trilho e acenar pra você
Parece absurdo, eu sei, mas tentei.”**

(Quem, Além de Você? – Leoni)

Depois de dois anos e algumas pessoas, depois de tanto tempo e outras coisas, ele continua sendo a minha grande mágoa amorosa. Combino de não reagir quando ouvir o nome dele, combino de me manter impassível quando montar os quebra-cabeças da época, combino de não adentrar a privacidade dele para não me expor demais, mas de nada adianta. Ainda me sinto comovido. Ainda me sinto deixando alguma coisa mal resolvida lá atrás. Ainda sinto como se não pudesse explicar essa história nem que eu destrinche as semanas, as horas do dia, as migalhas de todos os diálogos. Ainda me sinto magoado.

Você, querido leitor, provavelmente sente ou já sentiu o mesmo. Todos nós temos uma grande mágoa que persiste em se instalar num canto vago do peito, escondida dos nossos olhares furtivos do dia a dia. Aquele canto que acumula poeira apesar da faxina semanal. Aquele canto onde baratas e outros insetos pequenos conseguem se manter seguros dos nossos pisões e inseticidas. Aquele canto escuro que deposita teias invisíveis a olho nu na sala. É gente que mexe com a gente.

Essa mágoa é diferente de todas as outras que você já viveu. Não é a mágoa da rejeição direta de alguma paixonite passageira nem a mágoa do fim inesperado de um casamento. Não é a mágoa da traição ou da falta de zelo nos dias juntos. É uma mágoa que não vem de uma razão única, algo que machuca mesmo que você diga que não sente mais nada. É a mágoa do reencontro depois de você já ter enterrado tudo, é a mágoa do desapontamento com a notícia de que ele não vai voltar. É a mágoa de ficar sabendo com quem ele dormiu enquanto fugia de você, é a mágoa de se sentir especial e perceber aos poucos que você não foi nada disso. É a mágoa por não conseguir odiar, só se ressentir. E você só se espreme pra caber naquele cantinho.

Você morre de vontade de colocar um ponto final nisso, mas o labirinto é tão grande que você já desistiu de sair dele. Convive com essas besteiras todas achando que tá tudo bem, mas sabe que, hora ou outra, aquele cantinho mal iluminado vai voltar a assombrar você. Sabe que não esqueceu, porque todas as vezes em que fala sobre ele, sua voz some. Você leva o olhar pra longe dos olhos do seu interlocutor. Você viaja para uma época distante e termina o café

limpando os lábios, jurando que nada aconteceu. Mas o gosto fica, não fica?

Se te perguntam o que houve, você define aos poucos enquanto conta a história – sem início, meio e fim definidos, como é o meu caso. Você até sente vontade de rir quando termina, porque ela não explica o tanto que você sente, o tanto que você se ressent. Não explica a mágoa, o choro, o impacto da voz do outro, as notícias de longe e tudo mais. Não explica nada, nadinha. Pelo contrário, faz com que você pareça dramático demais. Mas não é drama, querido leitor. É mágoa. Dessas que a gente jura de pés juntos que não vê a hora de passar.

OBRIGADO POR TER FEITO PARTE DE MIM

**“We keep this love in a photograph
We made these memories for ourselves.”**

(Photograph – Ed Sheeran)

Se não fosse pelo seu hábito de caminhar às seis da manhã, eu não teria descoberto o meu café preferido na rua de baixo nem teria aprendido que cappuccino não passa de café com leite. Não teria visto como a orla é bonita do Leme ao Arpoador nem presenciado aquilo que eu chamo de brisa da manhã, uma das coisas que só o Rio de Janeiro tem. Se não fossem as nossas noites pela Lapa, com o táxi correndo pelo Aterro, talvez eu nunca tivesse descoberto que não se pode misturar rum e tequila. Obrigado por aquela ressaca.

Se não fosse o teu livro preferido do Chico e o hábito de visitar a Cultura, eu não teria achado a Fernanda Torres no meio de um punhado de livros do Caio Fernando e da Martha Medeiros. Não teria levado pra uma viagem de trem na Tailândia nem descoberto uma brasileira sorridente, que duvidou que uma capa tão bonita pudesse falar sobre algum fim. Não teria jantado com ela e vivido um tórrido romance de dois dias antes de descobrir que partir nem sempre dói, partir é necessário.

Se não fosse a tua mania de me fotografar quase pronto, eu não teria entendido sobre fins, meios e coisas incompletas. Continuaría usando a mesma combinação de calça social e camisa pra ir ao trabalho, faria o mesmo caminho todos os dias, nunca teria me ligado no meu modo repetitivo se não tivesse visto as imagens da tua câmera. Não teria mudado umas coisas que não eram minhas, umas coisas que não eram eu. Talvez eu nunca tivesse começado a gostar dos meus olhos e do meu queixo e dos meus joelhos gordos e mais de mim.

Se não fosse você e o nosso tempo juntos, eu não teria pegado umas manias tuas, não teria construído umas manias minhas, teria passado do mesmo jeito de antes. Quando a gente encontra alguém que faz parte da gente, mesmo que a pessoa vá embora, nós levamos algo dela. Eu não pedalava, eu não esquiava, eu mal tirava o passaporte da mochila e hoje eu sou do mundo. Tem gente que vai embora e não mata a gente, pelo contrário, faz a gente se sentir mais vivo depois da passagem. Essa é a beleza dos encontros, essa é a beleza dos amores que deram certo por aquele tempo: eles mudam a gente de um jeito tão grande que nós nunca mais seremos os mesmos.

Obrigado por isso, obrigado por tudo. Aqui ou distante, como antes ou nunca mais, obrigado por ter feito parte de mim. Hoje em dia, eu sou uma parte de você em tudo, e isso não é saudade

ou sinal de que não te superei. Nada disso. É só o meu jeito singelo de agradecer pela passagem, pelas mensagens, pelos costumes e pela nova versão de mim, que agora é uma pessoa muito melhor por ter encontrado você um dia.

COMETI O PECADO DE FICAR BEM

**“Memories, they seem to show
up so quick
But they leave you far too soon.”**

(High Hopes – Kodakline)

“Mas você tá bem mesmo?”

Perdi as contas de quantas vezes tive que ouvir isso. Quantas vezes tive de afirmar que tava tudo bem, tudo certo, supimpa, valeu, falou. E tive de ouvir que não precisava ser forte, que poderia desabar, que era normal ficar triste, que tinham certeza de que eu estava um caco por dentro.

Nunca fui do tipo que fica admirando algo acabar, uma daquelas pessoas que finca os olhos no fim como se fosse uma paisagem do entardecer na Urca. Também nunca me apeguei tanto a alguma coisa que não pudesse enxergar seu fim. Quer dizer, eu amei. Ponto. Mas sempre me preparei para que as coisas durassem o tempo que tinham de durar, sem a vontade de prolongar algo que não teria mais vida a partir de certo momento. Eu preferi manter memórias intactas, sensações que tive, coisas que mudariam de sentido se fossem arrastadas.

Foi assim que não sofri. Foi assim que eu disse “tudo bem, vamos em frente” e contei pras pessoas. Elas reagiram pior que eu. Parecia um grave acidente de carro, parecia que tinha fraturas expostas e sangue jorrando de todos os lados como num *Kill Bill* da vida, mas eu tava intacto. Cometi o grave erro de ficar bem.

Pasmem: algumas pessoas encaram com naturalidade essa coisa de término. Não significa amar mais, amar menos, estar com outro, já estar apaixonado, não suportar mais a presença do outro, nada disso. É que cada um encara as suas histórias de maneira diferente. A minha forma de encarar tudo sempre foi na base do lema “vida que segue”, porque eu tinha certeza de que ainda teria muita história para viver por aí, muitas outras paixões e, principalmente, muitos outros termos. Não é uma maneira sombria de encarar as coisas, é apenas sóbria.

Às vezes a gente fica bem. Mesmo. Não é uma fase de autoproteção, não estamos trancados chorando num quarto, não estamos jogando festas e mais festas na cara de alguém por pura pretensão. Tem gente que vai pelo caminho contrário. Não existe erro nenhum nisso pra nenhuma das versões da história. Aliás, não existe interesse nisso para ninguém além das partes envolvidas. É que se tornou comum essa coisa de ter seus sentimentos expostos em tribunais cheios de gente disposta a opinar sobre como você deve agir, como deve se sentir, o que deve

fazer e tudo mais.

Alguns de nós não estarão quebrados, remendados, à procura de um Super Bonder sentimental que nos cole de volta. Só escolheremos seguir em frente até o próximo desencontro.

35

CORAÇÃO ABERTO

**“Baby I’m not movin’ on
I’ll love you long after you’re gone.”**
(*Gone, Gone, Gone* – Phillip Phillips)

Hoje eu acordei e não lembrava mais da sua voz. Corri para o computador e acessei pastas com vídeos nossos para te ouvir cantar. Você, ao violão, sorria para a câmera como sorria pra mim. Coloquei sua voz repetindo várias vezes o meu nome, várias vezes em diferentes momentos ao longo do dia para não me esquecer.

Percebo que não é só a sua voz que perdeu registro dentro de mim. Seu toque na nuca, as cores das tatuagens nas costas, a ordem das roupas que você vestia, o nome dos seus amigos, seu programa de televisão preferido, seus trejeitos na hora de imitar algum famoso, os jornais que você recomendava, as viagens que você fez antes de mim, as viagens que você fez comigo, o jeito de transar, seu corpo na luz, seu corpo no escuro, esqueci.

Estremeço.

Puxo da memória um monte de coisas, mas elas não chegam até mim. Começo a rabiscar desesperadamente nos papéis da casa, busco referências, entro nas suas páginas da internet para ver suas fotos, busco nossos e-mails, procuro por expressões que me lembrem quem você era. Não lembro. Na análise, desabafo estarrecida com a mulher que me ouve e ela me pergunta qual é o problema. Não sei. Não deveria ser assim. Doutora, sofro de algum mal? Sofre, minha filha, sofre. Todos sofremos. Você quer deixar a porta aberta pra sempre.

Quando queremos muito esquecer alguém, nos apegamos mais ainda a cada um dos detalhes que desejamos perder por aí. As cores ficam mais intensas, as luzes ofuscam. Tudo fica forte e fresco demais na cabeça da gente. Até que um dia, depois de muito tempo, depois de toda a mágoa e pipoca, depois de toda a aspirina e dos perfumes trocados, a gente esquece.

O mais estranho disso é que eu não deveria me importar, eu deveria sair por aí feita louca só de calcinha e sutiã batendo palmas e agradecendo ao mundo, meditando e saudando ao sol, trocando pernas de sobriedade porque esse dia chegou. Faço justamente o contrário e me apego ao que sobrou. Corro pra trancar as portas de casa, da cozinha, das saídas e das janelas. Checo inclusive os ralos pra ver se algo escapa pelos bueiros. Decreto que nada vai sair daquela casa. Nem lembrança nem dor nenhuma. Onde já se viu, deixar que me escapem assim. Nada disso, só vão embora quando eu quiser. Tento resgatá-las em vídeos, em imagens, em trejeitos que sumiram. Não aceito.

O ideal seria deixar as coisas seguirem seu fluxo: o esquecimento. Acordar e entender que todo mundo passa um dia, ele também passou. Compreender esse sentimento vazio que vai ficando pra dar lugar a novas memórias e novas pessoas. Parar de botar o pé na porta e empurrar tudo isso que eu queria esquecer para dentro de casa numa espécie de cárcere privado. Admitir que não depende de mim, nunca depende. Essas coisas são loucas e não têm hora marcada para acontecer (como eu queria que tivessem, mas não têm). Uma hora a gente esquece – graças a Deus, ninguém merece guardar tanta dor pra sempre –, mas há de se deixar esquecer. Há de se permitir que os fantasmas sumam. Há de se abrir para que essa pessoa saia de você aos poucos com tudo o que te fere. Caso contrário, deixaremos pequenas armadilhas espalhadas por aí para que nunca esqueçamos, deixaremos de seguir em frente por não saber lidar com as coisas que finalmente vão embora, deixaremos migalhas para nos lembrar do caminho que não queremos mais lembrar. Temos de deixar. Coração aberto não é só para quando queremos que alguém resida nele. Coração aberto é para quando precisamos deixar ir embora também.

ALGUNS AMORES SÃO MAIS FORTES QUE OUTROS

**“The sweetest thing to cross my mind
Crossed my life.”**

(It's a Fluke – Tiago Iorc)

Eu me lembro da primeira vez em que vi você. Lembro que eu não sabia seu nome e você não se apresentou. Você não parecia querer me conhecer ou pelo menos não parecia fazer questão disso. Algum amigo me mostrou você e disse que seria educado dizer alguma coisa. Mas o que se diz pra alguém que tá parado num canto de um bar mexendo no celular com cara de quem não queria estar ali? Perguntei seu nome e se você tinha cigarro. Eu não fumo, você me diz. Nem eu.

Todo grande amor começa de forma singela. Se você reparar bem, as grandes histórias de pessoas comuns começaram por acaso ou por destino. Nada premeditado, nada que envolvesse tarô ou magia, nada que fosse impressionante pra alguém além dos envolvidos. Com a gente foi só um sorriso e foi por amor. E depois foram os cinemas com tickets guardados, foram os jantares e os atrasos, foram os vinhos e os queijos que eu nunca tinha comido, foi a assinatura da Netflix pra ter o que fazer quando batesse preguiça.

Com a gente foi carinho com receio de que você talvez não gostasse de dormir no meu peito, mas você gostou e me disse que tinha aprendido o que era lar. E eu aprendi que morar em você foi a melhor coisa aconteceu desde a criação do brigadeiro de panela.

Percebi, depois de te conhecer, que a gente é muito injusto com quem vem antes do nosso amor atual. A gente chama quem ama agora, ou quem virá depois, de amor da nossa vida, porque acha que amor da vida é aquele que fica pra sempre. Nunca os passados. Foram amores também, mas a esperança de que o próximo seja maior nos faz cegos pra isso.

O amor da minha vida é aquele que me transformou um pouco a ponto de me marcar com unhas ou com brasa, com um sopro ou por ter se feito casa, por ter ficado comigo quando nem eu mesmo ficaria. O amor da minha vida tem sido você em todos os dias que eu acordo e te vejo. Você é a primeira e a última coisa do meu dia, sabe? Não tem casca, não tem roupa, não tem poeira pra baixo do tapete e ainda assim você fica. Fica por mim e fica pelas coisas que eu te digo, prometo que repito, prometo que chego de novo e te peço um cigarro, te olho nos olhos e passo a mão no seu cabelo ondulado e te espero sorrir.

Sorri pra mim e muda a minha vida. Muda um pouco de mim, se escreve em braille que é pra

tocar meu corpo no escuro, se faz em nota de música e me ensina a tocar violão. Te prometo uma serenata quando der na telha. Um beijo na testa e você me fala que tem medo. Medo do quê? De eu ir embora porque tem uma hora que todo mundo vai embora. Mas eu não sou todo mundo, meu bem. Foi por isso que você guardou o celular naquele dia, mesmo não tendo cigarro, e resolveu ficar.

FLASHBACK

**“Kiss quick, I’ve got a line out the door
Who all think they can save me.”**

(Kiss Quick – Matt Nathanson)

Eu achei que tinha resolvido tudo aqui dentro. Até que eu vi você.

E mexeu nas coisas ou já estava desarrumado?

Acho que eu tinha engavetado. Não lembro se tranquei a gaveta, se joguei a chave fora, se deixei semiaberta, se entraram traças, se guardei fotos, se eram fatos isolados, se me coloquei lá dentro também. Mas pra mim tava tudo na gaveta.

E por que eu sairia da sua gaveta?

Não sei. Deixei as coisas lá. Encontrei você. Quando voltei, tava tudo fora do lugar.

É culpa do teu signo. Ou da tua faxineira.

Não, ela não mexe aqui dentro. É coisa do meu signo.

Você entende de signos?

Não entendo. Mas concordo com você. Preciso culpar alguém.

Culpe-me.

Não culpo. Você nem queria.

Eu quis. Por isso que te liguei. Por isso que te pedi para me encontrar.

Dessa vez?

Não, quando tudo começou.

E agora?

Agora já passou.

Passou ou nunca existiu? Durmo com essa dúvida e ela me acorda todo dia. Moro com essa pergunta martelando junto com o vizinho de cima. Mal consigo trabalhar. Até o chão treme. Treme tudo.

Na tua casa?

Aqui dentro.

(...)

Não sei te explicar o que eu senti. Você chegou no meio de tanta coisa.

Mas as pessoas não chegam sempre no meio de tanta coisa? Parei pra pensar nisso esses dias. A gente não chega nunca quando as coisas estão calmas, quietas e sem ninguém por perto. Todo mundo chega no meio de alguma coisa. Se você parar pra pensar, a vida está sempre em curso,

nunca parada.

É que ainda tinha ele aqui.

Então eu não cheguei no meio de tanta coisa, eu cheguei no meio de outro amor.

Você chegou exatamente quando eu decidia se ainda o amava.

Entendo. E você chegou exatamente quando eu decidia se não amaria mais ninguém.

Você me amou? Mesmo por tão pouco tempo?

Eu amei você quando me disse que não sabia por que tinha tatuado uma âncora no braço. Amei você quando conheci seu cachorro e quis brincar com ele. Amei você quando fez meu prato preferido sem saber que era. Amei você quando apagou as luzes e botou uma das minhas músicas preferidas pra tocar. Amei você quando acordou pra me fazer café da manhã. Amei você quando deixou seu casaco comigo pra sempre. Amei você quando apareceu de surpresa e me levou pro cinema. Amei você quando confessou que odiou o filme, mas amou a companhia. Amei tanta coisa em você.

(...)

Lembra o que eu te disse quando você me contou que tinha se apaixonado por outro depois de mim? Que era karma. Que era a vida te devolvendo o que você me deu. Eu me senti vingado, me senti extremamente feliz porque você tinha sido abandonado. Eu me senti extremamente feliz por você ter sentido um pouco do que eu senti. Mas não adiantou muito. Eu ainda tinha sido deixado pra trás e isso não mudaria.

E o que você queria que mudasse?

Eu queria você. Ainda quero, percebi depois que bagunçaram a gaveta. Mas não tem mais nada pra fazer, não é?

Não tem. Já passou.

Como é que se convive com esse sentimento de amar tanto alguém que não se pode ter? Digo, eu já te tive um dia, não tenho mais. Não tenho como ter mais. Não tenho por que investir todo o meu tempo em tentar te conquistar, não tem fundamento. Você não quer, você não sente, você não me amou.

Talvez seja melhor você não trancar a gaveta. Talvez você deva esvaziá-la, me tirar lá de dentro, me jogar fora em vez da chave.

Talvez eu tenha de deixar a gaveta aberta sem você lá dentro. Porque eu não aguento mais voltar de cada reencontro repentino na rua, nos bares, na casa dos meus amigos ou em qualquer lugar que você esteja e encontrar tudo desarrumado.

E o que eu posso fazer para te ajudar com isso?

Nada. Você não pode fazer nada. Ninguém pode.

(DES)CLASSIFICADOS

**“I found solace in the strangest place
Way in the back of my mind.”**

(Alive – Sia)

“Você precisa conhecer um amigo de um amigo meu. Ele é incrível, é advogado, adora crianças, não é machista e te achou linda nas fotos. Ele tem um sotaque gaúcho supergostoso e é mais alto que você, vai dar pra andar de salto do lado dele sem problemas. Ele também torce pro Flamengo! Vocês podem ir a jogos juntos, torcer juntos, a gente vai adorar receber vocês dois lá em casa. Imagina como os nossos jantares vão ser divertidos? Você vai amá-lo. Não tem como não se apaixonar por ele.”

“Você precisa conhecer um primo de um amigo meu. Ele gosta de escrever novelas e morou dois anos na Tailândia ajudando crianças e dando aulas de inglês. No ano passado, ele viajou pra Colômbia para trabalhar com empoderamento social e agora voltou pro Brasil para escrever um livro novo. Vocês têm tudo a ver! Mal posso esperar para ver os dois juntos decorando o apartamento. Vai ser surreal de tão lindo. O gosto dos dois é magnífico. Não tem como dar errado.”

“Você precisa conhecer um cara lá do meu trabalho. Outro dia ele levou flores para as meninas e pediu desculpas caso tivesse sido grosso conosco. Ele é um doce! Tem mais ou menos a sua altura, gosta das mesmas músicas que você e tava naquela festa que a gente foi no sábado. Eu mostrei tuas fotos para ele e ele te adorou. Acho que os filhos de vocês seriam lindos com aqueles olhos verdes dele e com a tua genética. Já pensou? Vou dizer para ele que você quer conhecê-lo.”

É o que eu escuto. O tempo todo.

Desde que fiquei solteira, não importa quando nem onde, as pessoas querem me apresentar a alguém. Os assuntos parecem sempre uma grande lista de classificados com medidas, características físicas, currículo e outros detalhes que colaboram na montagem do ser humano ideal para mim, segundo quem quer que esteja falando dele.

Digo que vou ao cinema sozinha. Não posso. Preciso de companhia.

Digo que vou a um bar sozinha. Perguntam se é um encontro.

Digo que escolhi um restaurante novo para jantar. Perguntam se estou bem.

Digo que abri uma garrafa de vinho em casa. Deve ser solidão, dizem.

Ao que parece, o mundo não foi feito para quem não tem companhia. Não existem lugares

para uma pessoa só, nem filmes nem livros nem cafés nem nada que não conte para dois.

As pessoas tentam me empurrar todo tipo de pretendente que esteja disponível a conhecer alguém, mas ninguém me pergunta se estou disponível, se quero sair desse meu “status” agradável de pessoa que acabou de sair de um relacionamento. Tentam curar uma dor substituindo uma pessoa por outra. Mais do que isso, tentam me dizer que eu não vou nunca conseguir ser feliz sozinha, que não fui feita para ser sozinha. Discordo.

Tenho tido aventuras tão interessantes e noites tão boas na minha própria companhia. Tenho lido livros que esqueci de ler, tenho visto séries que eu odiaria há tempos atrás. Tenho pensado menos nele e nas coisas que eu ainda não resolvi. Tenho entendido um pouco sobre organizar a cabeça, coisa que a gente precisa fazer depois que sai de um período conturbado. Não caí na armadilha de tentar esquecer uma pessoa com outra. Não me sinto preparada para conhecer ninguém agora e esperava que as pessoas respeitassem isso. Mas não respeitam.

Descobri que o mundo dos solteiros é feito de festa e companhia, mesmo que seja por pouco tempo. Caso você não tope embarcar nessa jornada, você está se comportando como uma viúva triste e inconformada que não superou nada ainda. Não bastasse ter de me virar com algo que ainda me atinge, também tenho de me virar com a pressão social de “ser feliz”.

Pois bem, diga ao mundo que me recuso a embarcar nisso. Meu navio ficará atracado aqui mesmo, esperando enquanto eu não me sinto segura para entrar nele. Não sinto falta de companhia, nunca senti. Não acho que eu deva procurar só porque acreditam que me fará bem. Respeito minhas decisões e peço que respeitem o meu direito de ser feliz, sim, porém sozinha. Já fui muito feliz com alguém e consigo estar bem sem conhecer ninguém. A vida vai além de classificados, de encontros, de jantares com pretendentes, de gente que me diz para sair de casa. Gosto de quem eu sou agora, de quem eu sempre fui. Eu sou exatamente a pessoa que quero conhecer agora.

NENHUM DELES É VOCÊ

**“Já conheci muita gente
Gostei de alguns garotos
Mas depois de você
Os outros são os outros.”**
(*Os Outros* – Kid Abelha)

Eu tava tomando banho e bateu uma vontade enorme de chorar. Uma vontade de aproveitar pra escorrer tudo pelo ralo, mas não é fácil desse jeito. Tem uma amiga minha nova da yoga – você não conheceu – que fala sobre energia, alma e essas coisas bonitas que esse povo natureba-gratidão adora falar. Eu não acreditava em nada disso até pouco tempo atrás, cê lembra, eu sei. Mas ela me disse uma coisa tão bonita, *baby*. Disse que eu era uma daquelas pessoas iluminadas que merecem o mundo. Achei tão bonito que anotei num bloquinho lá do quarto. Só não entendo muito bem como uma pessoa iluminada tem sido tão fechada, tão vazia de si. Vai ver não é a hora, né? Tá tudo muito cedo ainda, muito mexido ainda. Tem de deixar as coisas acalmarem, me recomendaram abraçar umas árvores, praticar meditação, tentar passar três dias sem querer ser amado. Não sei se funciona, mas parece que a obrigação de se sentir amado torna a gente mais pedante. Mais inclinado a querer mostrar coisas impressionáveis pra outra pessoa. E eu não tenho nenhuma história bárbara sem você. Na verdade eu tenho, só não lembro direito. Um amigo do teatro me disse que pega mal contar de ex pras pessoas que a gente tá conhecendo agora. Acho estranho isso, cê não acha? É meio inevitável esconder essa parte, maquiar o passado, fingir que nada aconteceu. Qualquer pessoa que entrar aqui vai perceber que alguma coisa aconteceu. Você. Não vejo nada de mal em admitir isso, ué. As outras pessoas também já não foram de alguém? As outras pessoas também já não amaram alguém? As outras pessoas também já não sangraram por alguém? Tem gente que até tatuou alguém, mas nesse inferno imagético eu não padeço. Tenho horror a tatuagens que lembram o outro. Já não basta ter de conviver com a porra da lembrança incomodando, vai ter de viver com coisas no corpo que também lembram quem a gente quer esquecer? Nada, martírio demais. Penso sempre nisso quando algum amigo começa um novo relacionamento e vem com essa ideia de mula depois de um tempo. Nada. Mas vamos voltar ao assunto. Bateu uma vontade de chorar enorme e eu corri pro computador pra te mandar um e-mail. Não tenho mais notícias suas, não tenho falado com ninguém em comum. Não sei se você ainda tá no Brasil ou se finalmente encarou o curso de cinema em Nova York. Se estiver por aí, aproveita por mim. Toma café até provocar a gastrite,

porque é exatamente o que eu faria. No momento, eu não consigo sair daqui. Queria te ligar, mas não tenho mais o seu número. Queria te perguntar aos prantos como é que você se apaixonou por mim. Quer dizer, em que momento você percebeu que me amava? Como é que eu consegui fazer isso com você? Porque você me amou, não amou? Então, é que eu não consigo nem me encantar pelos outros caras. Nem falando baboseira natureba-gratidão nem pagando de pseudointelectual em peças de teatro que eu tento não dormir. Nem deixando de falar de ex, de como é tudo muito recente, de como eu só tô procurando alguém pra me fazer companhia. Não tô exigindo amor nem paixão, pra você ver. Mas o mínimo de encantamento. Ah, nada mais que o necessário pra conseguir lidar com outra pessoa além de mim sem estragar tudo, você não acha? Se a gente não se encanta, não tem por quê. Imagina se eu, nessa altura da vida, vou estacionar com alguém que não faz nada. Nem se o sexo fosse maravilhoso a ponto de dar entrada no hospital com parada cardíaca por excesso. Nem por isso. Desculpa, essa parte foi desnecessária. Mas você entende o que eu tô te escrevendo? Disseram que tô exagerando, que é melhor um casinho à toa que ficar em casa cuidando de um gato. Sempre tive gato. Sozinho ou não. Não culpem o gato, por favor. Ele é melhor companhia, me move muito mais do que muita gente que já pagou espumante caro em jantarzinho meia-boca (e meia conversa) por aí. Esses caras são bem chatos, sei lá. Bonitos alguns, outros até que são interessantes, mas não fazem nada. N-a-d-a. Nadica de nada. Um deles, o que durou mais, disse que não poderia ficar comigo porque eu tava ocupado. Gente, eu tava de férias. Não entendi o receio nem a desculpa esfarrapada. Devo ser chato pra caramba, né? Como é que você conseguia? Lembra daquele dia em que eu joguei pó de café na privada achando que era o tal desinfetante mágico que eu tinha comprado no eBay? Você não entendeu nada quando sentou no vaso. Pelo menos te acompanhei no banho rindo de tudo aquilo. E o sexo foi bom. Tava frio, te preendi por entre as pernas depois, não tinha problema em dormir pelado com você. Não gosto muito de dormir pelado com ninguém, sabe? Sei lá, acho íntimo demais ficar de pau mole com alguém que a gente não ama. Alguém que vai ficar reparando em cada parte errada do corpo da gente. Porque a gente só deixa de reparar quando ama, quando conhece alguém por trás da pele e o que tá na frente não importa mais. Com você era assim, não tinha problema em ficar de pau mole, não tinha problema em rir da privada cheia de café, não tinha problema nenhum. Eu devo ser insuportável, né? Deve ser minha energia que tá baixa. Acho que vou amanhã num parque abraçar umas árvores. Preciso encontrar essa pessoa iluminada que viram em mim. E vou continuar tentando encontrar esses caras que me apresentam, mas não vou falar sobre você, fica tranquilo. Droga, eu sempre mudo de assunto, desculpa. É que tá acontecendo tanta coisa na minha vida e eu queria te contar um pouco, vai que assim você se anima pra me contar da tua. Esse deve ser o quinto ou sexto e-mail, sei que são longos, mas dá uma olhada quando você puder. Vou adorar receber uma resposta tua, saber como você tá, saber de você. Mas não precisa se importar em ler isso ou responder agora se estiver em Nova York, hein? Aproveita por mim. Eu amo essa cidade. ~~Eu amo você.~~ Se cuida.

SANGUESSUGAS

**“It feels like I only go backwards, baby
Every part of me says ‘go ahead’.”**

(Feels Like We Only Go Backwards – Tame Impala)

Acabo de terminar algo que podemos chamar de relacionamento. Durou pouco mais de seis meses entre idas e vindas nada constantes. Toda vez que nos encontrávamos, parecia um novo começo entre duas pessoas que não se conheciam. E não digo isso de maneira poética e cheia de romance, não estávamos revivendo paixão alguma pela primeira vez em todo santo encontro. Nós só nos sentíamos como dois desconhecidos dando abraços em inícios de jantares.

Ele era um intelectual de araque que me contaminava com críticas afiadas, resultado direto de uma grande frustração na carreira literária. Eu, novato nesse mundo, até acreditava que tinha dado sorte, que não tinha talento, que não era a minha praia. Acreditava em cada palavrinha que aquele sanguessuga me dizia na tentativa de me diminuir. No fundo, eu sabia o porquê de tudo aquilo e desprezava profundamente o caráter dele. Então, por que eu me prestava àquilo?

Existe um momento do limbo da gente, naquele hiato entre uma grande paixão e outra, que acabamos preenchendo com casos à toa. Casos que não viram nada, não levam a nada, não nos marcam, não nos acrescentam. Acho que ouvi demais o conselho do Leo Jaime em uma canção na qual diz que “é melhor um caso à toa que o egoísmo da solidão”. Na verdade, eu não me suportava sozinho. Tinha criado uma ansiedade e uma angústia tão grande por causa do último término que sabia quão intragável ficaria caso não gastasse meu tempo com alguém. E foi justamente nesse limbo que encontrei meu sanguessuga.

Sanguessugas são vistos de longe e os reconhecemos no momento exato em que começamos algo com eles. A menos que estejamos apaixonados, nós os aceitamos por pura e clara vontade, só não admitimos isso para não furar nosso ego. Depois a gente põe a culpa no dedo podre. Sanguessugas são relacionamentos que servem pra tudo, menos para fazer algum bem à nossa alma. É uma espécie de penitência disfarçada de passatempo, e no fim das contas nem sabemos por que estamos com eles. Nos colocam pra baixo, o sexo não é bom, não concordamos com a posição política deles, tapamos os ouvidos para as opiniões, não damos a mínima para os problemas cotidianos. E ficamos com eles pela companhia. Mas não existem companhias melhores que eles? Ô, se existem! Talvez seja uma escolha consciente para balançar um pouco o jogo enquanto nada de emocionante acontece.

A questão é que eles acabam sendo destrutivos se nós não estivermos afiados e egoístas o

suficiente para colocá-los como bibelôs na estante. Eles podem acabar com nossa autoestima de forma incrivelmente manipuladora. E por mais que não nos importemos com a presença deles na nossa vida, aquele cara café com leite pode ficar amargo rapidamente. Comigo foi em forma de ataque pessoal e profissional. Com você pode ser em forma de depreciação, de assédio moral, de agressão física, de agressão psicológica, de desprezo escancarado, de escárnio da imagem. Existem mais formas de ferir alguém do que a gente imagina, e não é só quem amamos que possui esse poder.

No fim das contas, percebi que não fazia o menor sentido continuar com a criatura. Até para passar o tempo existiam opções melhores, mais prazerosas e muito mais encantadoras que o gajo. E reparei que só gostava da companhia dele porque era um belíssimo cartão de visitas com seu sorriso branco, suas costas largas, suas roupas da moda e suas opiniões cultas. Ou seja, um primor de vitrine para os outros e um porre para mim. Percebi que sanguessugas estão por todo lado e que o limbo nos empurra para essa posição às vezes: ele me sugava, eu o sugava. Ambos interesseiros demais para deixar com que algo florescesse no meio de tanta apatia.

DEIXE-ME

**“Since you been gone
I can do whatever I want
I can see whomever I choose.”**

(Nothing Compares 2 U – Sinéad O’Connor)

Todo mundo que passa pela vida da gente deixa alguma coisa.

Deixa alguma música ou deixa a ponta de um *iceberg*. Deixa um recado na portaria ou deixa o número de telefone anotado num guardanapo. Deixa a gente pensando se deve mandar uma mensagem atrás da outra ou deixa silêncio.

Deixa alguém com os olhos parecidos com os nossos ou deixa saudades demais por ter de visitar túmulos aos fins de semana. Deixa de bobagem e liga logo pra dizer que você sente falta, vai. Deixa pra lá, não vale a pena, agora já foi. Deixa, não me deixa, promete?

Deixa a gente quieto demais ou eufórico demais. Deixa essa sinuca de bico, esse oito ou oitenta, essa bipolaridade repartida em fases que eu não escolhi passar. Deixa a gente pensando se aquilo aconteceu mesmo, e quando é que vai acontecer de novo? Deixa meias para os dias que você vai passar dentro de um apartamento gelado ou deixa só água e biscoito salgado na geladeira. Deixa que eu cuido de mim mesmo, me deixa.

Deixa dúvidas ou certezas inabaláveis. Deixa a gente de pernas bambas ou com uma baita dor de cabeça. Deixa de ser só um desconhecido ou se torna alguém que você preferia não ter conhecido. Deixa a impressão de que você não vai suportar conhecer alguém que use o mesmo perfume ou te deixa alérgico. Deixa tanta coisa quando não fica nada.

Deixa a impressão de que você vai poder fazer tudo o que sempre quis quando ela for embora. Deixa disso, eu não tenho mais ninguém pra dividir a conta. Deixa as sessões de terapia mais recheadas, o fondue com os meninos cheio de assunto, deixa o gosto do chocolate meio amargo na boca. Deixa até mesmo quando deixa de existir. Não deixa?

AS COISAS QUE EU NÃO TE DISSE

**“And I don’t blame ya dear for running
Like you did all these years
I would do the same you best believe.”**

(Stubborn Love – The Lumineers)

Eu não gosto de chocolate. Tentei fingir que gostava porque, bem, você vibrava toda vez que chegava com barras e mais barras em casa e eu não queria destruir aquela imagem infantil e alegre que eu tinha bem ali na minha frente. Eu detesto chocolate, na verdade. Ao leite, branco, com nozes, com frutas vermelhas, com tudo o que você pode imaginar, mas gostava dele com você.

Você me irritava. Parece que você não entendia quando eu precisava ficar quieta no meu canto porque eu sou de lua, quando eu queria ficar dentro de mim sem sair, sem ter de te falar nada, sem ter de fazer sala pras suas tentativas frustradas de me fazer rir. Irritava tanto ao ponto de eu me trancar num café lá perto de casa e mentir que eu ficava até tarde no trabalho só pra ter um tempo pra mim.

Era eu quem comia o resto da sua pizza que já tava há três dias na geladeira, não a diarista. Acho que devo algumas desculpas a ela, mas sabia que você não iria reclamar se fosse ela. Nunca reclamou.

Você foi a coisa mais bonita que eu já vi de olhos fechados. Me entende? Eu conhecia teu corpo feito mapa, ainda que não soubesse interpretar coordenadas e não fosse muito boa em ler sinais em braille. Te lia todo e ninguém me contou uma história mais bonita que as tuas costas marcadas, que os teus sinais em alto relevo, mesmo que você tivesse vergonha das marcas de espinha e tudo mais. Eu não ligava, você também não deveria ligar.

Sua mãe me ligou no dia em que eu terminei com você. Sua irmã me mandou mensagem. E me senti ótima por ver que as duas mulheres da sua vida – que nunca gostaram de mim – pediam para eu voltar. E te odiei, te odiei tanto que cortei a mão tacando um copo no chão, te odiei com o sangue descendo o ralo, te odiei porque você não teve a coragem de correr atrás de mim, de me pedir desculpas, de me parar pra um beijo no asfalto. Você ficou parado me olhando ir embora. Quem deixa alguém que ama ir embora? E a culpa foi toda sua por ter me deixado ver a sua conversa com ela, as suas fotos com ela, e até hoje eu não sei o nome dela. Mas sei como eu me senti quando soube que você compartilhava seu tempo entre a gente. E foi ótimo descontar tudo no telefone com as mulheres da sua vida, foi ótimo dizer que não voltaria.

Não vai existir comédia romântica mais bonita que a gente. Você pode tentar, eu posso tentar, mas nem Hollywood vai conseguir escrever alguma coisa parecida com o que a gente foi.

Eu transei com ele. Não mencionei antes porque não parecia relevante. Foi antes de te conhecer, foi antes de saber quem você era. Daquele dia em diante, eu não consegui mais olhar na cara dele porque ele me lembrava você.

Uma moça me disse um dia na feira, enquanto você escolhia verduras, que você tinha cara de bom pai. Não acho. Você mal sabe cuidar de si mesmo, mas alguma coisa em você ainda me faz ter vontade de dar um passo além, mesmo sabendo que sou eu quem vai ter de se virar pra cuidar de um bebê e de você. Dois é demais pra mim, mas eu quero. Louco isso, né? Querer algo que vai acabar com a gente, sem entender por que, sem entender que é amor.

Você merece alguém melhor que ela. Melhor que eu também. Na verdade, acho que você merece alguém pior pra preencher aquela fantasia de que você é capaz de mudar alguém dos pés à cabeça. Você não conseguiu isso comigo, e te devo desculpas. Entrei nessa sabendo exatamente quem eu era, e parte disso não ter dado certo é culpa minha. Por ter sido inflexível, por não querer abrir mão de quem eu sou, por não me deixar levar pelas suas ondas. Era tanta água mole em pedra dura que gelou um pouco meu coração, furou nada. Desculpa por isso também. Você merecia um tipo de amor melhor.

Não consigo mais tomar banhos curtos de cinco minutos. Mas não faz sentido nenhum ficar vinte minutos debaixo da água quando não tem seu corpo pra tocar. Comprei umas máscaras de cabelo pra fingir que demoro por isso, mas é besteira. Eu gosto de fechar os olhos e sentir a água caindo, gosto da sensação do toque quente, gosto de abrir de supetão o registro pra gelar tudo e sentir o gelo me afogando. Monto esse circo todo dia de noite. Monto e termino o banho me sentindo uma ridícula, principalmente quando esqueço de pegar a toalha. Quando esqueço, bem, não tem mais você pra pegar uma.

Ninguém entendia tão bem os meus sinais como você. Talvez isso tenha me dado um pouco de medo. Tirei teu tarô escondido um dia e não gostei do que vi. Era pra ter sido você, diziam as cartas. Mas eu insisti em mudar o rumo das coisas. Quis ter o destino nas mãos, abri mão de você.

Hoje eu cozinhei seu prato preferido. Num ímpeto de loucura, enfiei uma colher cheia na boca. Queimei a língua. E percebi que queimar a língua tem a mesma sensação de quando eu não te disse nada que eu podia ter dito. De quando eu não te disse tudo o que poderia ter evitado as atuais circunstâncias. De quando eu não te disse as partes boas, as partes ruins e as partes cruéis da gente. De quando eu não te disse que.

DUAS COISAS QUE NÃO VOLTAM ATRÁS: DESTINOS E ARREPENDIMENTOS

**“E gira em volta de mim
Sussurra que apaga os caminhos
Que amores terminam no escuro sozinhos.”**
(*Resposta ao Tempo* – Nana Caymmi)

Nunca fui de acreditar em divindades, apesar de andar na rua fazendo apostas com o destino e com as forças da natureza. Apostava uma corrida de coincidências comigo e com algo sobrenatural, algo que poderia estar por ali de forma invisível ou que poderia me ouvir e controlar os acontecimentos à frente. A cada dois passos, sugeria que algo aconteceria caso encontrasse um certo número de carros vermelhos. A cada vinte passos, sugeria que conseguiria um grande feito caso aparecessem pessoas vestindo amarelo no caminho. No fundo, era tudo uma bobagem imaginária pedindo por sinais ao destino.

Minhas divindades estão por perto em forma de naturezas desconhecidas. Já escrevi uma vez sobre minha relação com a fé, que é essa coisa de a gente acreditar muito em algo, acreditar sem nem ver e se apegar àquilo. Parece que tenho certo apego ao destino, que dizem ser o senhor dos caminhos futuros, quem reserva coisas que não podemos mudar em nenhum momento, por mais que façamos escolhas diferentes. Você já assistiu ao filme *Efeito borboleta*? Nele, o protagonista volta ao passado e altera coisas de sua vida, episódios que acabam mudando tudo o que foi construído. Uma simples porta fechada na cara de alguém e lá estava o protagonista vendo seu futuro mudar radicalmente. O futuro, segundo o filme, muda a cada nova escolha. E o destino saberia disso. Será que saberia mesmo?

Retomo a minha crença no destino em dias como hoje. Depois de uma grande ressaca de amor e de um fim desastroso, é normal que queiramos voltar ao passado e alterar algumas coisas. Alterar respostas dadas ou, sendo bem extremista, evitar ter te encontrado. Alterar encontros e voltar pra mentir que a agenda estaria cheia na segunda-feira. Alterar a escolha do terno para o casamento da sua prima e jogar fora seu telefone. Alterar tudo até que o futuro que vivo hoje pudesse ser totalmente reescrito numa espécie de “amor-Clementine” que apaga a memória para salvar a nossa pele. Se por um lado eu penso nisso a todo instante, por outro me pergunto se não foi o destino quem resolveu que deveria ser assim. Se eu não deveria mesmo ter conhecido você, ter amado você, estar amando você e ter de aprender a sobreviver depois que a bomba

explodiu. Viver todo esse drama sem a chance de voltar atrás e apagar a gente.

Destino talvez seja o resultado das nossas escolhas que alteram o futuro a cada momento e, para não fugir da responsabilidade que me cabe, devo admitir que escolhi você. E foi uma escolha grata por alguns futuros próximos e outros nem tão próximos assim à data da escolha. O que veio depois, o que vivo agora, é destino. Tinha de ter acontecido. Não adianta querer travar uma batalha com as nossas escolhas. Se fosse assim, imagina quantos amores teríamos evitado, quantas lembranças e pessoas teríamos nos recusado a conhecer. Se soubéssemos o que nos reservava o futuro, viveríamos num tráfego intenso de volta para o passado, alterando memórias e brincando de Dr. Frankenstein, retalhando nossa vida amorosa e procurando curar todas as nossas feridas. Seríamos crianças inconsequentes que não aprendem a lidar nunca com suas escolhas.

Não posso mentir: nutro um desejo enorme de nunca ter te conhecido toda santa vez que vejo como me sinto depois de você. Nutro uma vontade enorme de não sentir nada, de ser imune às consequências que a vida faz questão de jogar no nosso colo. Nutro uma certeza incrível de que já teria me afobado caso possuísse um vira-tempo para dizer a uma versão mais nova de mim que eu deveria ter corrido. Mas passa. Passa toda vez que reconheço que eu não seria eu se fizesse isso. Não seria eu sem cicatrizes. Não sei eu sem coração partido. Não seria eu se tivesse evitado todo santo risco que me aconteceu na vida. Não sei eu se não tivesse conhecido você, conhecido os que vieram antes de você, conhecido toda essa gente que passou por mim. Eu seria qualquer outra coisa, menos quem sou hoje.

E toda essa euforia pela vontade de apagar alguém se dissipa quando percebo que o destino é a única divindade terrena dessa vida. É a única divindade profana que mora dentro da gente. É o nosso guia, porque é tudo o que a gente escolhe ser, é tudo o que a gente acaba por construir. Toda oração ao destino é uma oração ao nosso inconsciente – que não é tão inconsciente assim. O destino é a minha divindade de carne e osso, e meus arrependimentos não voltam atrás, não voltariam em nenhum efeito borboleta possível. E o que me resta, o que nos resta? Continuar andando pelas ruas, apostando em acasos e coincidências, prontos ou despreparados para novas escolhas que, essas sim, poderão mudar o futuro.

ACEITO MAIS VINHO, É CLARO

**“Give me one good reason
I should sit around and wait.”**

(Girlfriend On Demand – Joss Stone)

Tô bêbada e confusa e quase caí gargalhando na escada de casa e acho que vou ter de deixar o vestido na lavanderia amanhã e ninguém se importa comigo, já liguei pra cinco pessoas, todas dormindo, quem dorme às quatro da manhã de um dia como hoje? Ele pediu uma taça de vinho branco, mas quem bebe vinho branco? Sou dos tintos, sou de manchar camisa, sou de deixar a língua num tom de roxo que lembra batom borrado. Consigo es-cre-ver-per-fei-tamen-te enquanto abro o zíper e corro pro banheiro para mijar, mocinha fala mijar? Mocinha fala o que quiser e não existe quem me diga o que eu tenho de fazer e quando tenho de fazer e você já sabe porque me conhece, por que ri de mim?

Não sei se ele cabe aqui, não sei se tem espaço, eu não sei se tem espaço dentro de mim, acredita? Não tô falando do pau dele, idiota. Tô falando de me deixar gostar de alguém de novo de novo de novo de novo, isso martela na minha cabeça depois de tantos encontros, pelo menos desse eu voltei bêbada, nunca volto, volto chateada emburrada irritada. Por que tanto homem estúpido, meu bem, por que tanta gente que leva currículo pro encontro e passa o dia naquele blá-blá-blá eu faço isso blá-blá-blá eu viajo muito blá-blá-blá? É sempre gente muito importante que não tem tempo pra perder e acha que eu estou interessada em números quando eu quero é saber das paixões deles.

Sabe quando falam das coisas que amam das viagens das sobrinhas das fotos de Natal da mãe que já morreu daquele tanto de coisas que as pessoas não falam mais hoje em dia, daquelas coisas que fazem a gente se apaixonar, daquelas coisas miseráveis perto de números e contracheques e coisas que não importam pra eles e me importa? Ninguém mais fala disso, mas hoje ele falou e eu tô com medo. Tô com medo pra caramba porque não sei se ele cabe aqui. Tenho medo de me deixar à mercê de novo, tenho medo de naufrágios, eu não aprendi a nadar, você não me ensinou, eu só fico boiando e boiando e boiando na superfície, sempre por cima até agora. Mas foi terno, terno pra cacete, tão terno que eu botei as mãos nas costas dele, abracei e disse que ele parecia um homem bom, que ele era um homem bom e você acredita que ele não me beijou? Você teria beijado. Ele me pegou pelas mãos, sorriu e disse que eu ficava bonita até com a cara borrada, que ele não sabia onde cabia essa tristeza toda que eu transbordava pelos olhos, mas que ele entendia. Entendia? Quem entende uma pessoa chorando na sala de estar do

apartamento enquanto o shuffle erra a música e toca a nossa, quem entende alguém que não consegue se apaixonar de novo porque ainda tá um pouco presa ao passado? Tô um pouco presa a você, mas ele entende, e eu achei isso de uma delicadeza sem tamanho.

É horrível essa coisa de comparar o tempo todo, sempre comparo, comparo todos os primeiros e segundos e terceiros e quartos de motel com você e com a gente e nem lembro como foi me apaixonar por você, mas não me apaixono por eles, nenhum deles. Vivo comparando passado e presente, passei, e agora? Agora a gente joga fora e põe na cabecinha dura que os homens não são iguais a você, que nenhum deles vai ser parecido, e obrigada por isso, não quero mesmo que sejam, mas é inevitável quando a gente vive muito tempo com alguém, a gente compara. Ele não se parece com você e me deu água, tonéis de água, bebi água pra cacete naquela sala, quase engasguei rindo da minha cara, e ele ria e flutuava de um lado pro outro preocupado, e eu senti ternura, mas também medo. Será que tá na hora de baixar a guarda e deixar alguém bom chegar mais perto ou deixo pra lá, se é que ele vai me ligar depois do vexame de hoje, se é que ele vai ligar, você não ligaria. Você não. Você nunca. E acabou o papel higiênico, mas vou tomar um banho, espera aí na caixa postal que eu vou entrar no chuveiro, espera aí até tudo isso passar, espera que eu passo, espero que vá passar, só espero.

TEM MUITA GENTE DESISTINDO DE AMAR

**“I picked myself back up
Hold my head up high
I was not built to break.”**

(I Didn't Know My Own Strength – Whitney Houston)

Um dos meus maiores medos em termos de relacionamento é encontrar alguém machucado. Não que eu seja egoísta e queira alguém novinho em folha, sem marcas e sem buraco no peito. Nada, isso é normal, todo mundo carrega alguma ferida, todo mundo tem passado, todo mundo tem marcas. Isso é importante pra desenvolver o histórico afetivo e emocional de cada um. Meu problema se situa no panorama que eu vejo hoje: tem muita gente saindo de vez do campo de batalha.

Temos nos machucado tanto que a possibilidade de um novo amor nos assusta. E tem gente que não vai me deixar chegar perto porque não confia mais em ninguém. Gente que já passou por tanta coisa que não aguenta mais retalhar o coração, que vai me afastar involuntariamente porque chega, por favor, ela não precisa mais chorar. E como eu fico? Como ficamos no meio de tanta gente machucada que não consegue mais se doar?

Quanto mais converso e observo as pessoas, mais percebo que a gente tem desenvolvido um medo genuíno de deixar que novas pessoas cheguem perto da gente. Quebra e cola, quebra e junta tudo no chão, quebra e chora, sente uma dor latente que parece clichê, e talvez seja, mas que é real. E qual clichê não é real, não é mesmo? Machucados fazem parte da gente. Só que essa gente tem desistido, largado tudo no meio do caminho, abandonado a luta amorosa e aquele famoso “um dia”, que talvez não chegue mais por decisão nossa.

Meu medo é chegar pra dizer que tô aqui e tô disposto, que eu vou devagar, não tenho pressa, quero deixar o amor engatinhar pra ver se você acredita em mim, e ter tudo negado. Com um olhar baixo e os braços cruzados em defesa, ouvir de alguém que “desculpa, meu bem, não foi você, foram os outros e eu não consigo mais”. Porque, meu bem, acredite você ou não, não depende muito da gente. Tem pessoas que passam por muita coisa, muito além da montanha-russa, histórias que a gente nem imagina como fizeram mal, como magoaram e como podem causar dor. E por mais que eu queira, por mais que você queira, talvez aquela pessoa da sua vida não esteja preparada pra você – ou não esteja preparada nunca mais. Pode ser que ela não te deixe chegar perto de tão desacreditada que está, e isso não é culpa de ninguém.

Eu posso imaginar a dor e tudo mais. Posso imaginar como é ruim pra quem a gente gosta e

como esse processo de recuperação é difícil. Tem gente que nunca se cura de um coração definitivamente partido porque, bem, não foi só dessa vez, agora foi só o estopim. Você consegue ver o lado do outro e dizer que vai ficar tudo bem? Não tem como prometer isso, mas a tentativa é válida se for sincera, se você realmente quiser cuidar de alguém. A gente luta por dois, levanta escudo pra ver se o outro baixa, vai junto e promete o cessar-fogo assim que as coisas estiverem bem. Mas não tem jeito, e a gente sofre com a possibilidade de ser repelido porque ali não cabe mais nada a não ser dor.

Daí começa o efeito dominó: enquanto um repele por não aguentar mais, o repelido talvez se canse de tentar depois de tanta estrada e tanto choro. Depois da esperança plantada e retirada à força por alguém com medo, aquele amor todo pode se despedaçar e dar lugar ao isolamento. Fabricamos, assim, mais corações pesados, receosos, despedaçados e guardados num baú. Pensando melhor, meu maior medo talvez não seja encontrar alguém assim e não poder fazer nada pra ajudar. O medo mesmo é me tornar alguém assim, cuja ferida nunca cicatriza, cujo coração pertence a um clube vazio que se esqueceu de apagar as luzes quando o último saiu.

CARTA A QUEM JÁ FOI MUITO IMPORTANTE PRA MIM

**“If you were falling, then
I would catch you.
You need a light, I’d find a match.”**
(*The Way I Am* – Ingrid Michaelson)

Tava aqui hoje mexendo numas coisas e achei umas fotos nossas num álbum de aniversário que você me deu. Tanta história contada em páginas criadas por você num tanto de tempo atrás que parece que já passou muito tempo. Bateu saudade gostosa, sabe? Nada daquela saudade possessiva ou que clama pra entrar numa máquina do tempo e bater na tua porta feito a primeira vez.

Você tá sendo uma lembrança boa de alguém que foi muito importante pra mim. De um amor que foi amor, sim, mas acabou. Acabou e eu te guardo com carinho nos traços, nos quartos, no jeito de rir que eu peguei de você. Te guardo nas formas de redecorar as folhas de caderno, de olhar as vitrines da loja e de sair da mesmice. Cê me tirava da monotonia de um jeito fácil demais, e eu nem desconfiava que era planejado. Também não dava pra suspeitar porque, olha, se tem uma coisa que me faz falta, é aquele sorriso espaçado com uma brecha entre os dentes do qual eu tanto debochava. Debochava de você sem confessar que eu bancava o bobo pra te ver feliz.

Você foi aquela minha história bonita que eu vou contar pra todo mundo. Vou lembrar do teu nome no meio da noite e te ligar, se não for incômodo, pra bater um papo e brincar de reaquecer o passado no forno. Mas sem aquele desespero de querer de volta ou de escrever recaídas tortas na portaria do teu prédio. Só sinto mesmo um gostinho doce na boca quando abro as vogais do teu nome e faz bem adoçar a língua com as memórias boas de você.

Cê sabe que eu ainda guardo tudo o que foi da gente? Guardo com afeto e sem ressentimento. Nosso amor superado bate à porta como um velho amigo, e eu me preocupo tanto com você ainda que no fim do dia me pergunto se você tá feliz. Tá feliz? Se não estiver, me liga e vem pegar uma praia comigo que eu te coloco nos eixos e te lembro que ainda vai aparecer alguém pra te lembrar, pra justificar o porquê de você não ter dado certo com ninguém até agora. Me liga e vem tomar uma cerveja comigo pra gente trocar umas confissões como dois melhores amigos, mesmo que isso alimente receios dos outros que insistem em dizer pra gente que o

nosso problema é ter deixado ponta solta no fim da história. Bobagem deles. No meio das confissões e dos nossos trôpegos segredos, a gente já deixou claro um ponto final. O que a gente sente um pelo outro é carinho agora.

E eu acho tanta graça quando a gente percebe que num mundo como este ainda tem gente que não sente essa saudade boa do passado. Essa coisa gostosa de respirar aquele ar gelado e se lembrar do mar. É tipo isso que eu sinto quanto lembro do teu nome às seis da tarde enquanto saio do trabalho. Me faz um bem danado te encontrar de meses em meses mesmo que a gente não tenha trocado uma palavra nesse meio tempo. Porque eu reconheço que tem tanto de ti em mim e tanto da gente escrito por aí que deixar de te levar comigo seria o mesmo que dispensar as coisas todas – boas, ruins e indiferentes – que a gente aprendeu junto.

Por isso é que eu te convido no meio da madrugada pra jogar um frescobol à beira-mar. Pra bater lá na casa de uns amigos nossos e chegar de surpresa – e causar espanto em todo mundo que estiver por lá. Por isso que eu me preocupo de vez em quando e apareço perguntando se você tá bem. Eu espero que esteja, sempre. Por isso que me pergunto a quantas andam tuas viagens por Saturno, Netuno, Plutão, e se você precisa de ajuda pra voltar pra Terra. Se estiver pendendo no espaço e te faltar oxigênio, me chama por aí que eu apareço pra realinhar os teus planetas. Porque tenho certeza de que a gente pode não ter sido o caminho certo, mas o nosso passado guardado fez da gente bússola um do outro.

PRO CARA QUE VAI CHEGAR EM BREVE

**“I can love you desperately
Though your love ain’t guaranteed.”**

(Someone New – Banks)

Eu sei que você vai abrir a porta do seu apartamento recém-decorado, me pedir pra não reparar nas caixas e explicar que atrasaram a entrega da cama, por isso só tem o colchão no chão. Você vai ficar sem graça e me dizer que fez alguma coisinha pra gente jantar, mal sabendo eu que os dois últimos fins de semana foram dedicados a aulas no YouTube só pra preparar aquele risoto que eu amo. Cê vai virar abreviação rapidinho porque eu não vou querer perder tempo te chamando pelo nome todo, eu vou te devorar aos pouquinhos pra já sentir teu gosto desde a hora em que você chegar.

Vou passar a mão pela tua coxa pra você parar de balançar a perna de nervoso, calma, eu não sou presença estranha, algo me diz que tu já me conhecia e, se não conhecia, prazer, eu vim pra ser teu.

Cê vai rir pra caramba quando eu te contar que tenho medo de palhaço e que o meu sorriso torto não é charme coisa nenhuma, é só uma paralisia chata que uns nervos aí me deram de presente. Não sou gauche na vida, nem tive um anjo torto me gritando profecias na saída do metrô, mas se eu pudesse prever o futuro naquela saleta pintada de verde com um quadro do Almodóvar na parede, eu poderia dizer que tive sorte. Sorte, sim, porque sinais vermelhos nunca são propícios, e aquele me fez esbarrar o guidão da bicicleta na tua mochila. Quase te carreguei comigo – não que eu não quisesse, mas era inoportuno, eram quase seis da tarde numa São Paulo que quase não vê o sol, e eu vi, vi quando o teu rosto mudou de turvo pra arco-íris.

Lavo a louça ou você lava? Nenhum dos dois, deixa aí que depois eu arrumo, você diz. Cê gosta de toca-discos e LP, mas só tem um dock de iPod. Te acho sensível, mas você luta. Pergunto da trilha sonora de hoje e você diz que não é de filme, que se a gente fosse uma história ela seria feito uma crônica, uma prosa cotidiana como se um dos dois tivesse indo pegar o metrô e imaginasse o outro. Abro um sorriso e pergunto qual é a melhor frase do melhor livro que você já leu. “Talvez amar dispense cronômetros”, você não acha? Acho, sempre achei, desde a hora em que te vi de cinza e agora vermelho, desde as mãos suadas antes de apertar o 10 no elevador até agora. Mas não te diria isso, deixo você falar sobre o tal livro e digo que a noite já vai cair. Você só ri.

Vou perguntar se você fuma e você vai levantar um isqueiro, na tua sacada ou na minha? Na

sua a vista é melhor e dá pra ficar de costas pra rua ouvindo você perguntar se eu vim mesmo do Rio e por que eu troquei aquele pôr do sol por tanto cinza. Talvez eu não soubesse, mas meus chiados ritmados só fariam sentido com o teu sotaque que também não é daqui. Eu tentaria fazer bolha de fumaça no ar e você apagaria o cigarro, virando de costas pra mim. Olho pro lado, você desvia, pergunta o meu signo de novo e eu te respondo, respondo já rindo de agonia porque eu baixo os olhos e vejo os lábios, eu subo os olhos e vejo azul, talvez por isso eu não sinta falta do mar agora, talvez eu possa me banhar em você. Cê ri e segura a minha cintura enquanto a noite chega. E lá de baixo alguém diria que eram dois moços bonitos assassinando a solidão, dois moços bonitos descobrindo como era encontrar alguém pra vida inteira.

DEIXA ELA ENTRAR

“How to be brave?

How can I love when I’m afraid?”

(A Thousand Years – Christina Perri)

Deixa ela se sentar na beirada da tua cama e te acordar de surpresa – pra morrer de susto e minimizar esse teu medo de aproximação. Deixa ela pender dum balanço, com as mãos pro alto e com os olhos fechados, sentindo a brisa da insegurança na cara e no corpo enquanto você se mobiliza pra não deixá-la cair. Entende o que é carinho e cuidado, rapaz.

Deixa ela mudar as tuas coisas de lugar pra você pedir desculpas depois do ataque de raiva e perceber que viver sozinho não tinha essa incerteza toda, esses nervos à flor da pele dela que varam a casa com um perfume. Mesmo não admitindo que seu olfato ainda não se adaptou. Estranha tudo nela, moço. Estranha as calças, as cores, as provas de roupa demoradas, a ternura por programas infantis e se agarra nisso pra não cair num sofá sozinho com pizza e cerveja na mão. Cai com ela e se suja todo de gordura e calabresa pra descobrir que a pizza vem fatiada por alguma razão.

Deixa ela escolher o cinema, o horário e a sessão e fica nervoso com o atraso dela. Pensa que ela não gostou de você e que foi uma péssima ideia ter saído de casa, ter saído na chuva, ter saído com ela porque ela nem era tanta coisa assim ou era muita areia pro seu caminhãozinho e calma que ela já chegou. Vai me dizer que essa menina não te tira sorriso nenhum? Nega pra mim, porque pra ela já não cola mais. Que ela não te faz tremer um pouco ou bater a perna irritantemente num ritmo desacelerado por baixo da mesa do bar. E as tuas mãos ficam suadas durante o filme e você esbarra nela sem saber se pega nas mãos dela ou não. Pro beijo foi fácil mas o pulo pra intimidade de segurar as mãos dela, de envolvê-la nos dedos, nos laços e numa ternura só é que fica difícil. Você não ousa desafiar a tua memória e se esquecer de todas as rejeições, o tanto de não e talvez de quem partiu e te partiu ao meio?

Deixa ela entrar e se esquece de quem já foi. Deixa ela mostrar que ninguém no mundo é igual, e que elas, as outras, é que te perderam. Deixa esse teu receio machucado de lado e encara a menina nos olhos, sem casca, sem porém, sem esse papo de não querer nada sério, de não querer viver em *stereo* porque o *mute* traz mais calma. Confessa que faz bem cuidar e ser cuidado por alguém, mesmo que das outras vezes o cuidado tenha acabado com uns ferimentos profundos a ferro e brasa. E larga essas tabelas do Excel, esses teus cálculos precisos demais sobre afastamento e quilometragem, essas justificativas esfarrapadas que se resumem a medo.

Deixa ela entrar e jogar os teus papéis pro alto. Ou se deixa levar por esse vazio que cutuca, aperta, irrita e nunca se justificativa, e que você nega – mesmo sentindo – que sente.

QUANDO UM NOVO AMOR CHEGA

**“Don’t be mad
It’s just the brand new kind of me.”**
(*Brand New Me* – Alicia Keys)

Quando um novo amor chega, você sabe que ele chegou. É como se o seu peito esvaziasse, porque antes ele estava inchado, com ar e gás e qualquer outra coisa que importava antes. Quando ele chega, você respira aliviado, até respira melhor e o seu peito relaxa. Você deixa de sentir os espaços comprimidos por uma angústia exagerada de quem espera sei-lá-o-que-mas-você-sabe. A agitação dá lugar a um sentimento de alívio, uma aquietação seguida da euforia que se sente nos dias vividos. Seu porteiro percebe, seu chefe percebe, até o cobrador do ônibus que você pega todo santo dia pra ir ao trabalho percebe.

Você começa a olhar pras coisas todas de uma forma nova. Aquele tédio habitual dá lugar a uma visão mais ilustrada da vida. Você passa pela estação Brigadeiro e repara num prédio antigo, repara na imponência da construção, repara nos efeitos bruxuleantes dos raios solares nas janelas daquele edifício. Percebe que uma terça-feira qualquer deixou de ser só mais um dia da semana, mesmo que ele não seja o dia do pagamento ou o dia de quitar um carnê importante. Nada disso. Você para de colecionar os dias, você para de viver no piloto automático, você até se esquece de sentir os incômodos das feridas marcadas em você, ainda que elas sejam recentes.

Quando um novo amor chega, você lê poesia. Continua não entendendo nada de rimas raras e métricas, mas entende o zelo do artista, palavra por palavra, cada parágrafo brincando de dizer alguma coisa bonita que antes você não sentia ou ignorava ou achava tolice ou pode ser que você ainda ache tolice e nem se importa. Quem se importa com coisas triviais quando percebe a chegada de um novo amor?

Você desiste das equações difíceis, não importa se é chuva ou se o carro quebrou, não te interessa a alergia dele por frutos do mar ou a sua predileção por comida tailandesa. Dá-se um jeito, tudo se organiza, tudo se encaixa. Você não dificulta a chegada de um novo amor, pelo contrário, tu abre as portas e os portões e as janelas e o que mais der pra deixar aberto e facilitar a entrada da nova pessoa na tua vida. Chega de tentar manter barreiras quando você precisa mesmo é estar vulnerável. Quando um novo amor chega, não tem despertador que acorde antes de você. Não. Você quer viver esse dia e o outro e o próximo e quantos mais dias forem possíveis com ele.

Quando um novo amor chega, tudo inspira a cura. É como se um ritual mágico, antigo feito as profecias secretas de antigas civilizações, acontecesse com você. Você não controla mais seu corpo que dá espasmos involuntários de uma coisa parecida com felicidade. É como se você finalmente entendesse por que não apareceu ninguém antes e pronto. É como se algo te despertasse pra vida e colocasse nas suas mãos mais uma chance de ser leve, mais uma chance de preencher essa caixa que tu leva no peito e que ainda não deu lugar a ninguém que ficasse sem incomodar, sem remexer tudo de uma maneira errada, sem fazer com que você sentisse tudo isso porque finalmente o amor chegou.

DEPOIS DO FIM

**“Closing time, every new beginning
Comes from some other beginning’s end.”**

(Closing Time – Semisonic)

Depois de muito tempo, depois de todo aquele processo individual que nós temos para passar por alguém, eu me perguntei se finalmente tinha chegado ao fim do limbo. Passei muito tempo me perguntando quando a mágoa iria embora, quando eu deixaria de pensar nos tratos que não foram cumpridos, quando eu conseguiria me envolver novamente com alguém. Mesmo não sendo a primeira vez, parece que toda vez é a primeira. Parece que isso nunca vai passar.

Tentei calcular quanto tempo se gasta até que as coisas passem. E a verdade, a mais pura e honesta verdade, é que eu não sei quanto tempo vai levar até curar tudo aqui dentro, aí dentro de você. Algumas pessoas levam horas, outras levam meses, outras nunca se curam. E eu não posso dizer que existe um manual ou tutorial com receitas de bolo para que nós nunca mais pensemos na pessoa que marcou a nossa vida. Não existe. Caso você tenha se apegado a algum tipo de ritual que alguém recomendou, jogue-o fora. Não vai funcionar.

Cada um de nós encontra uma maneira diferente de encarar o fim. Cada um de nós passa por fins diferentes, por mais que tenhamos histórias parecidas.

Eu enchi a cara e mandei mensagens às duas da manhã, eu beijei treze pessoas em uma noite e acordei sem me lembrar de nada na cama de uma delas, eu vi todos os filmes tristes que me indicaram, eu me matriculei numa academia nova, eu escalei paredões e montanhas, eu fiz coisas que eu odiava e descobri coisas novas que eu acabei amando. Em outros casos, não precisei fazer nada disso porque o fim não me destruiu. Parece um tipo de roleta russa e depende muito de cada um de nós a maneira como o tiro vai sair.

Em cada uma das manhãs depois de alguém, eu era uma nova pessoa. Sabe aquela história de que nós nunca mais seremos os mesmos depois de alguém? Clichê mais que verdadeiro. Descobri isso nas viagens que fiz pra fugir, na angústia que senti depois das festas, nos encontros que tive e que foram usados apenas como escape. Acabei percebendo que a maior revelação é a oportunidade que temos de nos redescobrir a partir do fim de alguma coisa. E que o maior problema não é exatamente esquecer alguém, mas a cobrança – nossa, dos outros, dos filmes, dos livros – de que temos de esquecer um amor que já passou.

O que acontece é que a gente nunca sabe quando vai passar completamente. Aliás, eu acho que nunca passa completamente. As pessoas que nós amamos nunca vão ser apagadas.

Continuaremos sentindo alguma coisa, nem que seja desprezo ou saudade. Tentar apagá-las – o que é impossível – só nos faz mais presos ainda à ideia de que elas continuam por aqui. Acabamos dedicando um esforço monstruoso na tentativa de esquecer, esquecer, esquecer, e nos cobramos tanto, exigimos tanto do nosso coração e da nossa mente, que nos cansamos demais com algo que deveria ser natural.

Não, você nunca vai esquecer alguém. E foi quando eu parei de me cobrar tanto, de exigir de mim que parasse de sentir, que as coisas aconteceram. Foi quando comecei a viver de uma maneira diferente da que vivia antes. Superar, pra mim, se tornou sinônimo de aprender a conviver com a história, com a memória, com a pessoa que eu me tornei depois deles. Não importa quanto doa, vai doer, você só não pode parar por aí.

Pensar assim me tirou um peso enorme das costas, sabia? O peso de ter de esquecer e de me martirizar por não conseguir. Eu simplesmente escolhi continuar, tentar me apaixonar de novo, curtir a minha nova vida sozinho, amadurecer e não ficar voltando ao passado todo santo dia.

Tem sido bom. Tem sido maravilhoso, na verdade. Tenho feito coisas que não fazia por pressa, tenho tido alguns encontros, tenho me apaixonado – não só por pessoas, mas por histórias, por lugares, por memórias, por mim mesmo. Querendo ou não, algumas das pessoas que passaram foram muito importantes para que eu enxergasse as coisas do jeito que elas estão hoje. Tenho me livrado da cruz que é me perguntar todos os dias se você esqueceu alguém, revivendo cada vez mais a dor de um coração quebrado. Acredite em mim: a vida se torna mais serena quando percebemos que só se morre por amor no cinema.

Depois do fim, o jogo continua.

Coincidentemente, enquanto eu escrevia esse desabafo, tocava no rádio uma das minhas músicas preferidas dizendo que “*todo novo início vem do fim de algum outro início*”. Não sei se meu novo início já começou, se eu ainda estou preso no meu limbo mais recente, no processo de entender mais um fim, e também não sei em qual pé você está. Mas espero que o próximo começo venha logo pra gente. E que seja terno, bonito e estupidamente feliz.

Este livro não seria possível sem o apoio dos leitores que vibraram comigo por todos estes anos a cada novo texto escrito para o *Entre Todas as Coisas* e outros canais. Não seria possível sem as mensagens, fotografias, abraços, beijos e conversas sobre meu primeiro livro *Por onde andam as pessoas interessantes?*, que me fez ver quão maravilhoso e cheio de possibilidades é o mundo da escrita. Agradeço imensamente a cada um dos leitores que têm feito parte da minha trajetória.

Agradeço a Augusto Alvarenga, Júlio Hermann, Danilo Gam-bini, Isadora Duarte, Stella Florence, Felipe Brandão e Gabriel Nakayama pelo apoio direto a este livro com suas ideias, críticas e opiniões que me ajudaram a construir o todo aqui contido.

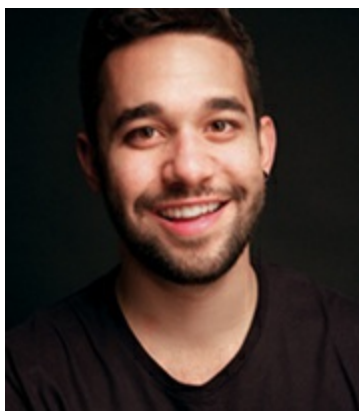
Agradeço à Milly Lacombe pela beleza do texto da capa deste livro e pela inspiração que suas palavras me trouxeram em diferentes momentos de leitura. Renascer realmente é lindo, e pude perceber isso ao ler um texto de sua autoria que foi muito emblemático na percepção de um fim.

Agradeço à Isabela Freitas e Jana Rosa pelo carinho dedicado à leitura deste livro e por suas considerações.

Agradeço aos colunistas do *Entre Todas as Coisas* que dão vida ao blog e, conseqüentemente, apoio ao meu trabalho. Sem a inspiração do que vocês escrevem, talvez eu nunca tivesse conseguido continuar nesta estrada.

Agradeço aos meus pais, meu irmão e família que me apoiaram nos últimos anos mesmo com tantas questões que apareceram no caminho. Aos meus amigos, só posso ser grato pelas palavras e afeto de sempre.

E, por fim, agradeço a todos os amores que quebraram meu coração de alguma forma, ainda que imaginária. Sem vocês, com toda a certeza do mundo, as palavras encontradas aqui nunca existiriam.



Daniel Bovolento é publicitário formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), criador do blog *Entre todas as coisas* e autor de *Por onde andam as pessoas interessantes?* (publicado pela editora Planeta). É colunista de portais de comportamento como *Casal sem vergonha* e *Área H*. Carioca que trocou a Cidade Maravilhosa pela Terra da Garoa, costuma dizer que cada cidade representa um lado seu: yin e yang. Responde sempre que trocou o Rio por trabalho, mas a verdade é que queria mudar de vida e foi São Paulo que o recebeu de braços abertos. Ainda escreve em moleskines, guardanapos e papéis de carta. E acha que as redes sociais são espaços melhores que alguns divãs.

Você pode encontrá-lo em

Entretodasascoisas.com.br

[Youtube.com/danielbovolento](https://www.youtube.com/danielbovolento)

[Twitter.com/danielbovolento](https://twitter.com/danielbovolento)

[Instagram.com/danielbovolento](https://www.instagram.com/danielbovolento)

[Facebook.com/danielbovolentofp](https://www.facebook.com/danielbovolentofp)

Table of Contents

Introdução

1. Até quando eu vou amar você?
2. Quando você se cansa das coisas como estão
3. Eu tô desistindo de você
4. Vai fazer falta
5. Quando ele disse não
6. Você tem que ir embora
7. Uma fatia de bolo
8. Ponto de partida
9. Você nunca vai ficar sozinha
10. Eu, que não te amo mais
11. Você não era a pessoa da vida dele
12. Acabou
13. No dia seguinte
14. Desrotina
15. Você não me devolveu
16. O tempo do luto
17. Dúvida é só o que eu tenho em relação a você
18. Beijo de esquimó
19. Tempo demais
20. Com ele
21. Sobre o medo de sofrer de novo
22. Querido ex-amor
23. Minha primeira vez
24. Ponte aérea
25. Esperança é a tortura que mais dói
26. Conselhos para quem quer ser o solteiro perfeito
27. Pode pular o café da manhã
28. Três da manhã
29. Às vezes, ir embora é a melhor decisão
30. Pro caso de você voltar
31. Pelo medo de ser esquecida
32. Gente que mexe com a gente
33. Obrigado por ter feito parte de mim
34. Cometi o pecado de ficar bem
35. Coração aberto
36. Alguns amores são mais fortes que outros
37. Flashback
38. (Des)classificados
39. Nenhum deles é você

40. Sanguessugas

41. Deixe-me

42. As coisas que eu não te disse

43. Duas coisas que não voltam atrás: destinos e arrependimentos

44. Aceito mais vinho, é claro

45. Tem muita gente desistindo de amar

46. Carta a quem já foi muito importante pra mim

47. Pro cara que vai chegar em breve

48. Deixa ela entrar

49. Quando um novo amor chega

50. Depois do fim

Agradecimentos